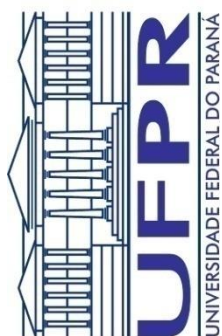


José Roulien de Andrade Junior

**A PRÁTICA PROFISSIONAL DO TÉCNICO DE FUTSAL: OS AGENTES
NO JOGO INTERDEPENDENTE**



Orientador: Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli

CURITIBA
2014

JOSÉ ROULIEN DE ANDRADE JUNIOR

**A PRÁTICA PROFISSIONAL DO TÉCNICO DE FUTSAL: OS AGENTES
NO JOGO INTERDEPENDENTE**

**Dissertação apresentada como
requisito parcial para a obtenção
do Título de Mestre em Educação
Física do Programa de Pós-
Graduação em Educação Física,
do Setor de Ciências Biológicas
da Universidade Federal do
Paraná.**

Orientador: Dr. Fernando Renato Cavichioli



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



TERMO DE APROVAÇÃO

JOSÉ ROULIEN DE ANDRADE JUNIOR

“A prática profissional do técnico de futsal de acordo com a exigência dos agentes no jogo interdependente”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física – Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa de Sociologia do Esporte e Lazer, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Professor Dr. Fernando Renato Cavichioli
Presidente/Orientador

Professor Dr. Fernando Marinho Mezzadri
Membro Interno

Professor. Dr. Pablo Juan Greco
Membro Externo

Curitiba, 27 de Março de 2014.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a DEUS minha fonte de energia para tudo que faço.

Ao meu orientador Dr. Fernando Renato Cavichioli, pela oportunidade, por sua paciência e imprescindível orientação que contribuiu de forma ímpar para esse estudo, me mostrando possibilidades e formas de pesquisas que foram fundamentais para meu o crescimento pessoal e profissional. A todos os Professores Doutores com os quais tive a oportunidade de realizar suas disciplinas. Ao Dr. Fernando Marinho Mezzadri e a Dr. Pablo Juan Greco, membros titulares da banca examinadora pelo pronto atendimento ao convite e pela contribuição para esse estudo, aos membros suplentes, o Dr. Roberto Rodrigues Paes, e ao Dr. Wanderley Marchi Junior.

Aos Clubes investigados, seus dirigentes, técnicos e aos pais dos atletas que gentilmente contribuíram com a pesquisa de forma aberta e sincera.

Em especial a minha esposa Kelly que em meio a esse estudo passou por dificuldades na sua gravidez, mas que graças a DEUS a Maria Júlia chegou com muita saúde para me incentivar ainda mais. Ao meu filho João Pedro, que assim como todos tiveram muita paciência dividindo meu tempo com muita compreensão e demonstrando companheirismo nesse momento tão especial de nossas vidas.

Aos colegas de estudo: Rosecler, Letícia, Fernando, Camile, Leôncio, Thais, Rafael, Natasha, Riqueldi, Sandro, Rafinha, Vítor, Gil, José Luiz, Mathias, Eduardo, Luizão e Marcão que de uma forma muito valiosa contribuíram e auxiliaram nas mais variadas formas para o trabalho. Ao André que fez parte dessa caminhada me incentivando e apoiando nos momentos difíceis.

Ao Programa de Pós Graduação: Profa. Dra. Joice Mara Stefanello e Rodrigo Waki, fundamentais na orientação correta quanto aos assuntos acadêmicos e administrativos.

Ao Ministério da Educação, Programa Reuni, por oferecer bolsa de estudo, a qual permitiu maior dedicação ao curso de mestrado.

RESUMO

O futsal competitivo na infância é o caminho de muitas crianças para a iniciação esportiva, envolve além dos técnicos e dirigentes os seus familiares que são os responsáveis para os acompanharem aos treinamentos e aos jogos. A prática profissional dos técnicos e a exigência dos agentes, dirigentes e pais numa possível interferência na forma do trabalho do técnico, formam a base desse estudo. Nesse contexto a investigação se deu em três clubes tradicionais de Curitiba que são considerados como referências do futsal no estado por participação ativa nos campeonatos oficiais da FPFS, assim como pelas suas conquistas e formas de organização e atuação. O presente estudo de cunho qualitativo visou investigar como se dá a prática profissional dos técnicos da categoria sub 11, quais são suas fontes de trabalho, quais são os conflitos e possíveis influências que sofrem nesse jogo interdependente. De que forma atuam os dirigentes dos clubes frente a esses conflitos, como os pais se relacionam, enfim todas as relações estabelecidas entre a pedagogia adotada pelos técnicos e as teorias sociológicas nesse processo. Para isso utilizou-se das seguintes metodologias: observações e filmagens nos treinamentos e nos jogos dos três clubes investigados no período de oito meses. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas a três técnicos, três dirigentes e três pais de atletas. Analisaram-se as observações e as filmagens relacionando-as com os resultados das entrevistas dos técnicos comprovando assim seus discursos. Os dados foram organizados com auxílio da técnica de análise do conteúdo. Os resultados obtidos tiveram divergências nos relatos dos entrevistados, os dirigentes afirmaram que os objetivos dos clubes são as conquistas de títulos e que não cobram resultados dos técnicos. Os técnicos discursaram que dão oportunidades iguais a todos, no entanto disseram que em alguns jogos não conseguem colocar todos para jogar. Os pais se mostraram satisfeitos com o trabalho dos técnicos, e que a insatisfação está relacionada ao filho não jogar ou jogar pouco. Mesmo que dirigentes tenham ações para que os pais não abordem os técnicos, os próprios pais afirmaram que já reclamaram diretamente com os técnicos. As relações entre os pais do próprio clube se mostraram positivas, apareceram conflitos durante os jogos entre os pais de um clube contra os pais do outro clube.

Palavras Chaves: futsal, treinamento, jogos, competição, atleta, criança.

ABSTRACT

The competitive futsal in childhood is the way many children for sports initiation, involves addition of technical leaders and their family members who are responsible for the follow up to training and games. The practice of professional and technical demands of agents, managers and parents on a possible interference in the form of technical work, form the basis of this study. In this context the research took place in three traditional clubs in Curitiba which are considered as references of futsal in the state for active participation in official championships FPFS, as well as for their achievement and forms of organization and action. The present study aimed to investigate the qualitative nature how is the professional practice of the technical sub 11 category, what are your sources of work, what are the possible conflicts and influences that suffer this interdependent game. How act against the leaders of these conflicts, how parents relate, finally all the relations established between pedagogy adopted by the technical and sociological theories that process clubs. For this we used the following methodologies: observations and filming in training and in games of three clubs investigated in eight months. Semi -structured interviews to three technicians, three leaders and three parents of athletes were made. We analyzed the observations and filming relating them with the results of interviews with technicians thus proving his speeches. Data were organized with the help of the technique of content analysis. The results were divergences in the interviewees, the leaders said that the objectives of the club are the achievements and titles that do not charge of the technical results. The technical speeches that give equal opportunities to all, however said that in some games fail to put everyone to play. Parents were satisfied with the work of the technicians , and that dissatisfaction is related to the child not play or play little. Even though leaders have actions so that parents do not address the technical, their parents said they have complained directly with the technicians. Relations between parents for the club were positive, conflicts appeared during games between the parents of a club against the parents of another club.

Key Words: futsal, training, games, competition, athlete, child.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Alguns jogadores brasileiros que atuaram e atuam na Europa com passagem pela seleção brasileira de futebol.

QUADRO 2 – Quantidade de equipes registradas no campeonato metropolitano de futsal de 2012, por série e categorias.

QUADRO 3 – Categorias de análise utilizadas no estudo.

QUADRO 4 – Quantidade e tempo de treinamento.

QUADRO 5 – Resumo dos principais resultados.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATÖES

FIFA: Federaçãõ Internacional de Futebol Association.

CBFS: Confederaçãõ Brasileira de Futsal.

FPFS: Federaçãõ Paranaense de Futebol de Salãõ.

CAPES: Coordenaçãõ de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior .

CREF: Conselho Regional de Educaçãõ física.

C1: Clube 1.

C2: Clube 2.

C3: Clube 3.

D1: Dirigente do Clube 1.

D2: Dirigente do Clube 2.

D3: Dirigente do Clube 3.

T1: Técnico do Clube 1.

T2: Técnico do Clube 2.

T3: Técnico do Clube 3.

P1: Pai de atleta do Clube 1.

P2: Pai de atleta do Clube 2.

P3: Pai de atleta do Clube 3.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	7
LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES	8
INTRODUÇÃO	10
METODOLOGIA	24
CAPÍTULO I – A pedagogia do esporte e as teorias sociológicas	31
1.1 A pedagogia do esporte.	32
1.2 Métodos para o ensino do esporte na infância.....	35
1.3 O ensino do esporte através de jogos	39
1.4 Conceitos sociológicos constituídos entre técnicos, pais e dirigentes.....	45
CAPÍTULO II	58
2.1. A prática pedagógica do técnico de futsal da categoria sub 11	58
2.2 A prática pedagógica dos técnicos na visão dos dirigentes dos clubes investigados	59
2.3 A participação dos atletas durante os treinamentos e os jogos.....	66
2.4 Os objetivos da prática esportiva do futsal competitivo, na visão dos clubes técnicos e dos pais.	70
CAPÍTULO III	78
3.1 As relações estabelecidas entre pais, familiares e dirigentes.	78
3.2 Os conflitos existentes entre pais e técnicos.....	81
3.3 O trabalho do técnico na visão dos pais.....	85
3.4 O trabalho do técnico em relação aos objetivos dos pais	86
3.5 A atuação dos dirigentes frente aos conflitos	88
CONCLUSÃO	94
ANEXOS	100
REFERÊNCIAS	101

INTRODUÇÃO

O Brasil revela a cada ano, uma quantidade considerável de jogadores de futebol e futsal e como consequência abastece o mercado mundial, principalmente o europeu, embora os jogadores possam ter outros destinos, considerados com menor tradição, tais como a Ásia, África e até mesmo a Oceania. No primeiro relatório de 2012 anunciado pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Association)¹., que contabiliza os negócios realizados somente entre 1º de janeiro e 30 de junho, o país aparece no topo da lista entre os que mais movimentaram atletas, com 14,2% das 4.973 transações, como aponta o site do globoesporte.com²

Alguns jogadores de destaque nacional e que ainda estão atuando em clubes brasileiros como: Éverton Ribeiro (Cruzeiro), Paulo Henrique Ganso (São Paulo), Leandro Damião (Santos), provavelmente irão seguir o rumo de clubes internacionais brevemente.

O que alguns desses e outros jogadores têm em comum relaciona-se ao fato de terem iniciado a sua formação atuando em equipes de categorias de base do futsal, são os casos de: Alex, Ronaldo Nazário, Ronaldinho Gaúcho, Alexandre Pato, Robinho e Neymar.

Embora o futebol de campo e o futsal venham ser esportes distintos, muitos ídolos do futebol iniciaram suas carreiras profissionais no futsal, modalidade esta que, pela característica da quadra (tipo de assoalho, tamanho), facilita o aprimoramento rápido da técnica, favorecendo o ingresso no futebol como aponta Azuaga (2012). Há indícios que muitos jogadores brasileiros que hoje atuam em

¹ <http://www.fifa.com/tournaments/archive/futsalworldcup/brazil2008/index.html>, acessado em 25/07/2012

² <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2012/01/10/as-50-maiorestransacoes-com-jogadores-brasileiros/> acessado em 25/07/2012.

clubes europeus, iniciaram no futsal, isso pode ser comprovado, acessando o site da FIFA.

No quadro abaixo observam-se vários jogadores brasileiros do passado e jogadores atuais que se destacaram nas equipes nacionais e migraram para os grandes clubes do mundo, todos com passagem pela seleção brasileira de futebol.

Quadro 1. Alguns jogadores brasileiros que atuaram e atuam na Europa com passagem pela seleção brasileira de futebol.³

JOGADOR	ANO DE TRANSFERÊNCIA	CLUBE DE ORIGEM	CLUBE DESTINO	VALOR DE TRANSFERÊNCIA
ROMÁRIO	1988	VASCO DA GAMA	PSV HOLANDA	5 milhões de dólares
RONALDO NAZÁRIO	1994	CRUZEIRO	PSV HOLANDA	6 milhões de dólares
RONALDO GAÚCHO	2001	GRÊMIO	PSG FRANÇA	7 milhões de euros
KAKÁ	2003	SÃO PAULO	MILAN ITÁLIA	8,5 milhões de euros
ROBINHO	2005	SANTOS	REAL MADRI ESP.A	24 milhões de euros
ALEXANDRE PATO	2007	INTERNACIONAL	MILAN ITÁLIA	22 milhões de Euros
OSCAR	2012	INTERNACIONAL	CHELSEA INGLATERRA	80 milhões de reais
LUCAS	2012	SÃO PAULO	PSG FRANCA	44,3 milhões de euros
NEYMAR	2013	SANTOS	BARCELONA	57 milhões de euros

Além da migração de jogadores para grandes clubes do futebol de campo, existe a migração também no futsal, e muitas vezes ocorrem a “naturalização”, e esses jogadores acabam defendendo as seleções desses países, como exemplo, cita-se o Campeonato Mundial de 2012 que foi disputado no Tailândia, as equipes semifinalistas foram: Brasil, Colômbia, Espanha e Itália. Na seleção brasileira que disputou o mundial, dos catorze

³ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Futebol_do_Brasil, acessado em 25/07/2012.

jogadores convocados, apenas quatro jogavam em equipes nacionais, os outros dez atletas atuavam em equipes espanholas. Ainda utilizando esse Mundial, observam-se outros exemplos de seleções que disputaram o Campeonato Mundial:

- a. Itália, dos catorze atletas convocados, sete foram jogadores nascidos no Brasil, que jogam em clubes daquele país, adquiriram dupla cidadania e atuam pela seleção Italiana;
- b. Na seleção espanhola de catorze atletas convocados, dois deles eram brasileiros que atuam em clubes do futsal espanhol e possuem cidadania espanhola.
- c. A Rússia, dos catorze atletas convocados, quatro eram brasileiros atuantes em clubes Russos, também com dupla cidadania.

Grande parte desses atletas tiveram no início de suas carreiras as brincadeiras de bola com os pés, Scaglia (2011) destaca que a cultura futebolística do brasileiro também foi tecida num ambiente de jogo, em meio a uma teia de pequenos jogos, brincadeira preferida pelos meninos em todo o Brasil, cuja “pedagogia da rua” estava inserida no dia a dia dessas brincadeiras.

Nas palavras de Freire (1998) a pedagogia da rua tem sido, ou foi, competente para ensinar futebol e o futsal. Na rua o ambiente é essencialmente lúdico como destaca Santana (2004) e relata que algumas crianças eram convidadas a jogar futebol de salão nos clubes, como era chamado o futsal até a década de 90.

A escola e as escolinhas, também são ambientes onde as crianças se iniciam na prática esportiva, diferente do ambiente da rua. A presença do

Professor deve manter esse ambiente voltado para a formação de todos os praticantes, Freire (1998) escreve também que na pedagogia da rua acontecem alguns fatores que não gostaria de ver repetido na escola, como por exemplo, a exclusão daqueles que tem menos habilidades para a prática do futsal.

Por outro lado Santana (2004) aponta que grande parte das escolas de esportes estão preocupadas em diagnosticar talentos esportivos, ou pautadas em referenciais de rendimentos.

Os trabalhos de Greco e Benda (1998), Freire (1998), Santana (1997) (2004), Paes e Balbino (2004), Rose Jr (2005) e Scaglia (2011), dão subsídios para os princípios pedagógicos no Brasil. Freire (1998) destaca que alguns princípios devam nortear o trabalho na formação de atletas: ensinar futebol a todos, que aponta como prática em alguns clubes que seja dada atenção somente aqueles que apresentem maiores habilidades. Mas não basta ensinar, e preciso ensinar a todos com igualdade de oportunidades, ele acredita que todos possam participar de forma eficaz das atividades, que todo o processo pedagógico exige paciência, ou seja, independente da condição de cada jogador, todos devem ser tratados com igualdade.

Próximo a esse princípio, Santana (2004), destaca: independente do nível de habilidade, o professor deverá dar-lhe atenção e oportunidades irrestritas para que os envolvidos se desenvolvam, o autor destaca que:

O fato é que em geral há a crença de que esporte é coisa de quem tem talento, ainda que seja a minoria. Por conta disso, quantas crianças têm sido submetidas a um tipo de pedagogia que não respeita as diferenças, que elege os resultados em curto prazo como o maior objetivo, a pressa como aliada e apenas a competição como referencial de avaliação.⁴

⁴SANTANA, W.C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: Paes, R. R., BALBINO, H.F. *Pedagogia do esporte, contextos e perspectivas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, p 1 – 22. 2005.

O mesmo autor relatou que ensinar esporte é lidar com a complexidade, para isso recorreu a Morin (2001) que encaminha uma missão para o ensino: “que é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça ao mesmo tempo um modo de pensar aberto e livre”.

Nesse sentido os valores humanos são pertinentes também, quando se trata de ensino de esporte, mesmo que esteja envolvido na competição, Barbieri (2001), sugere que o esporte como uma expressão cultural da humanidade, deveria ser ensinado baseado em valores que buscam a identificação do aluno em cooperação e solidariedade com o outro, assim apoiados nos princípios da totalidade, co-educação, emancipação, participação, cooperação e regionalismo.

Com base em princípios de que se deve ensinar a todos e ensinar a todos com igualdade de condições, e esse ambiente norteador pela competição, Rúbio (2007) alerta que o esporte tanto pode ser entendido como algo saudável e como meta educativa, quanto pode reproduzir as características da cultura vigente e o melhor caminho é preocupar-se com sua utilização sem prejuízos físicos e psicológicos aos envolvidos, considerando valores como a cooperação, participação e criatividade.

No futsal é comum que os iniciados comecem a competir por volta dos 06 anos de idade, como veremos no quadro 2. Segundo Greco e Benda (1998), não é recomendável eliminar a competição nas fases de aprendizagem, pois esta representa uma oportunidade *in vitro* de recolher experiência. Porém, nessa fase não se pode colocá-la como um fim, mesmo que os treinos sejam realizados em situações muito parecidas com as do jogo, os atletas devem

participar ativamente dos jogos, independente do placar e das possíveis situações dos jogos e treinos.

Empiricamente constatou-se nesses últimos 20 anos como técnico de todas as categorias de base e profissional do futsal, que além da parte pedagógica ser fundamental na formação holística do atleta, existem fortes indícios de agentes (mais especificamente pais e dirigentes) serem importantes personagens na formação, estudados por Caregnato (2013) e Filgueira e Schwartz (2007). Essa relação entre atleta, técnico, pais e dirigentes é o foco do nosso trabalho.

A competição infantil, o conhecimento teórico sobre a pedagogia do esporte por parte do técnico como subsídio à prática pedagógica e a possível influência exercida pelos pais e dirigentes são questões para a investigação nesse estudo.

Esse projeto irá investigar a prática profissional e quais são princípios aplicados pelos técnicos de futsal de equipes da cidade de Curitiba da categoria sub 11, compará-los com os princípios anunciados pela literatura pertinente a iniciação esportiva ao futsal. Além disso, observar a influência de agentes, pais e dirigentes na alteração da prática profissional e suas relações utilizando o conceito configuracionista da interdependência.

A pesquisa será feita em três clubes que disputam o campeonato metropolitano de futsal na cidade de Curitiba da categoria sub 11, que é organizado pela F.P.F.S.(Federação Paranaense de Futebol de Salão)⁵, disputado anualmente em duas divisões denominadas ouro e prata, conforme quadro 3, onde também participam equipes da região metropolitana. Observa-

⁵ F.P.F.S. Federação Paranaense de futebol de salão, entidade que comanda a modalidade no Paraná.

se que a partir da categoria sub 17 só existem equipes na série ouro, no regulamento do campeonato metropolitano consta que os clubes para participar da série prata devem ter as mesmas categorias na série ouro. O argumento dos clubes é de que muitos desses atletas passam a treinar futebol de campo, outros se dedicam aos estudos e acabam abandonando os treinamentos, tendo como consequência, a diminuição da quantidade de atletas e a redução do número de equipes na série prata.

QUADRO 2. Quantidade de equipes registradas no campeonato metropolitano de futsal de 2012, por série e categorias.

CATEGORIAS	NÚMERO DE EQUIPES NA SÉRIE OURO	NÚMERO DE EQUIPES NA SÉRIE PRATA	TOTAL
SUB 07	07	NÃO TEM	07
SUB 09	06	09	15
SUB 11	08	15	23
SUB 13	08	14	22
SUB 15	07	08	15
SUB 17	10	NÃO TEM	10
SUB 20	05	NÃO TEM	05
PRINCIPAL	07	NÃO TEM	07

Fonte: site: www.futsalparana.com.br. Acessado em 26/07/2012.

A escolha da categoria sub 11 se deve ao fato de alguns autores citarem ser nessa a faixa etária que abrange a categoria a fase mais ampla e rica dentro do processo de formação esportiva que abrange as crianças dos 06 aos 12 anos como é o caso de (GRECO, BENDA e RIBAS, 1998).

Já Krebs (1992), relata que é por volta dos 11 – 12 anos de idade que começa a ocorrer à automatização de grande parte dos movimentos, liberando a atenção do praticante para a percepção de outros estímulos que ocorram, simultaneamente, à ação que está sendo realizada, ou seja, a participação efetiva em treinos e jogos nessa idade é fundamental para o desenvolvimento do atleta.

Buscando subsídios em Piaget (1978), a idade da categoria sub 11, compreendem a fase do estágio das operações concretas, o autor relata que:

é neste estágio que se reorganiza verdadeiramente o pensamento. É a partir deste estágio que começam a ver o mundo com mais realismo, deixam de confundir o real com a fantasia. É neste estágio que a criança adquire a capacidade de realizar operações. Podemos definir operação como a ação interiorizada composta por várias ações. A criança já consegue realizar operações, no entanto, precisa de realidade concreta para realizar as mesmas, ou seja, tem que ter a noção da realidade concreta para que seja possível à criança efetuar as operações.⁶

Bianco (2006)⁷ relata que nessa fase ocorre um crescente incremento do pensamento lógico, ou seja, a criança passa a ter conhecimento real, correto e adequado de objetos e situações da realidade externa, sendo uma faixa etária pertinente para o desenvolvimento do estudo, aliado a um bom número de equipes participantes da competição.

Pela experiência pessoal como técnico na modalidade, constatou-se empiricamente que em várias situações os agentes demonstraram insatisfações em relação a algumas atitudes da prática profissional dos técnicos. Nesse sentido por meio da sociologia do esporte, pretende-se levantar e apresentar possíveis fatos norteadores de conflitos que acontecem nos treinos e nos jogos, para discutir a sobreposição do mercado (pais e dirigentes), na atuação dos profissionais (técnicos) desse esporte.

É importante destacar o que Filgueira e Schwartz (2007) relatam que:

Um dos primeiros passos a serem dados e perguntar as crianças se e isso mesmo que elas querem, atendendo as suas próprias expectativas e necessidades, não a dos pais, técnicos, dirigentes ou de outros interesses alheios aos agentes principais.⁸

Acompanhando alguns jogos da categoria sub 11, observou-se situações que exemplificam a preocupação desse estudo; como por exemplo, a quantidade de jogadores no banco de reservas, cuja regra oficial da

⁶ PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. São Paulo: Forense, 1978.

⁷ ROSE Jr. D. Modalidades esportivas coletivas. Guanabara Koogan, 2006. Rio de Janeiro. Cap. 3. Capacidades cognitivas nas modalidades esportivas coletivas, p.32.

⁸ Filgueira, F.M e Schwartz M.G. Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto 7 (2), P.245-253, Portugal, 2007.

modalidade permite inscrever 14 atletas na súmula do jogo, mas são várias as situações das equipes que levam mais atletas do que o permitido pela regra. O jogo se inicia com 05 jogadores para cada equipe, e nem sempre a participação efetiva de todos ocorre. Isto é, dependendo do resultado do jogo o número de participações desses jogadores podem ser maiores ou menores. Os casos mais comuns estão atrelados ao resultado do jogo, se uma equipe está ganhando ou perdendo por uma diferença de gols consideravelmente alta, o número de substituições aumentam, ou seja, aqueles atletas que jogam menos ou nem entram no jogo quando o jogo está equilibrado, participam do jogo.

Para Greco e Benda (1998), o jogo de participação na competição é o meio altamente válido para se consolidar e melhorar os níveis atingidos no treinamento, portanto para os atletas que não tem oportunidade de entrar num jogo equilibrado, onde possam participar efetivamente do jogo, além de privar oportunidades de autoconfiança e responsabilidade, fazem com que a participação desses atletas seja desinteressante. Atuar num jogo que praticamente já está definido o resultado por uma ou outra equipe torna esse jogo desinteressante no seu contexto competitivo e emotivo.

Em outra situação, por exemplo, de um jogo equilibrado, a participação dos suplentes durante o jogo é menor, ou nem existem; e ainda, se o jogo é vital para uma classificação, ou se é uma decisão, as substituições decrescem ou são inexistentes. Mas nesse processo de participação efetiva provavelmente surgirão "n" situações, que não foram presenciadas nestes anos de experiência profissional. Aqui não são raras as vezes que se presenciou a influência dos agentes, confrontando com os princípios pedagógicos e a formação do ser humano presentes na formação do profissional.

Outras categorias de análise podem surgir e estarem relacionadas com os treinamentos e a participação dos atletas nos treinos e nos jogos, ocorrendo à especialização precoce em detrimento da profissionalização⁹, por uma recompensa financeira no futuro, esse fato está ligado aos pais dos atletas que projetam a profissionalização esportiva em seus filhos desde muito cedo.

Conhecer a prática profissional dos técnicos, por meio do treino e como são suas ações durante o jogo. Destacar a interdependência e consequentemente as relações de poder desta configuração que influenciam suas decisões. Enfim uma pequena configuração da sociedade pode ser útil na reflexão de temáticas mais amplas: ações humanas x ações desumanas, exigências de mercado x exigências profissionais, ética x desmoralização mercadológica.

As crianças envolvidas nesse cenário passam por treinamentos sistemáticos ministrados por profissionais capacitados a trabalhar com a formação esportiva, Freire (1998) relata que esses profissionais, não podem entrar na escola (campo de trabalho) despida de uma pedagogia esportiva adequada, e por serem os técnicos responsáveis a ensinamentos essenciais em um momento importante da vida e na formação do caráter.

O esporte deve proporcionar mais que o conhecimento específico de uma modalidade, o prazer, a evolução da consciência, a introdução de uma cultura de lazer, a construção da cidadania a valorização da auto-estima, como são citados por Santana (2004) como possíveis fins do esporte.

Os autores Greco e Benda (1998), aspiram que as crianças e adolescentes tenham a oportunidade de contextualizar o jogo que praticam

⁹Cavichioli, F. R.; Gonçalves, C. et al The specialization process in portuguese and brazilian soccer clubs: a holistic approach. Sports sciences: 16º annual congress of the ECSS. Liverpool, 2011.

dentro do marco sociopolítico e cultural, e ainda destacam que o esporte na infância e adolescência tem um valor importante desde o ponto de vista da integração e socialização do indivíduo.

Os técnicos que no Brasil não são obrigatoriamente professores formados em educação física, alguns são ex-atletas¹⁰, e teoricamente podem ou não ter o conhecimento das áreas que envolvem o treinamento esportivo, psicológico, social, enfim, os valores humanos holísticos¹¹ que podem ser desenvolvidos no esporte, como: igualdade, solidariedade e os valores pedagógicos que estão incorporados na sua prática profissional.

Por meio dessa informação lançamos a primeira hipótese de que nos clubes ou escolinhas de futsal, há indícios da pedagogia da exclusão dos iniciados quando os mesmos estão inseridos em um sistema de extrema competição. A segunda hipótese é de que os profissionais não formados nas universidades são grandes responsáveis pela dinâmica exercida pelos profissionais graduados.

Portanto a preocupação com a pedagogia do esporte e seus princípios serão apresentados e discutidos, Santana (2004) destaca que a pedagogia do esporte deve contrapor-se à idéia de ensinar apenas um conjunto de técnicas para os gestos esportivos, Oliveira e Paes (2005), acreditam em uma pedagogia que abarque o treinamento específico para levar o atleta à alta

¹⁰ Pessoas não formadas podem trabalhar como técnico esportivo pelo CREF, apenas na modalidade que atua. São considerados “provisionados”, devem comprovar através de carteira de trabalho desde 1995, e fazer o programa de instrução promovido pelo CREF.

¹¹ Segundo Cavichioli F.R. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE JOVENS ATLETAS NO FUTEBOL: EM PORTUGAL E NO BRASIL. O termo significa que o homem é um ser indivisível, que não pode ser entendido através de uma análise separada de suas diferentes partes. E na prática significa que os aspectos e as variáveis de cada situação tem que ser levada em consideração, para que o maior número de pessoas possa participar do processo decisório.

performance, e que deve haver diversificação, devendo coexistir varias formas ou métodos para desenvolver as capacidades.

Nesse sentido recorre-se a Read e Davis (1990), que destacam que o ensino para a compreensão do jogo deve apoiar-se em três aspectos básicos.

- a) Tomada de decisão e a formação de conceitos por parte dos alunos;
- b) A compreensão do contexto dos jogos esportivos;
- c) A importância da tática na iniciação esportiva.

A aplicação de uma metodologia voltada para a compreensão do jogo é parte importante na formação de jogadores, Greco e Benda (1998), afirmam que além de vivenciar a situação, o aluno precisa entender o jogo e sua dinâmica, analisando sempre a sua própria participação.

Os mesmos autores entendem que o processo de ensino aprendizagem exige a variabilidade não só das técnicas a serem aplicadas quanto também das formas metodológicas a serem apresentadas.

Independente dos motivos pelo qual as crianças são inseridas nos treinamentos concorda-se com Santana (2004), que preconiza a idéia que o treinamento estabelece pontes com o que a criança sente, compreende e faz, sem pressa, diversificado, com metas possíveis de se cumprir, que respeite a complexidade da vida infantil, que divirta e ensine coisas que possam ser generalizadas para a vida.

Faz-se necessário identificar na prática profissional dos técnicos os princípios utilizados por eles, comparando-os com os princípios encontrados na literatura que dão base aos treinamentos de esporte na infância, mais especificamente do futsal e aquilo que ocorre no cotidiano das equipes, e

então, verificar se existem influências exercidas pelos agentes, pais e dirigentes, quais são elas e como se confrontam nessa relação de poder entre os agentes leigos e os agentes profissionais. Enfim, o objetivo é verificar até onde as decisões dos agentes são acatadas transformando a atuação prática dos técnicos graduados ou não.

Pretende-se levantar, a partir da revisão de literatura, os princípios pedagógicos recomendados para o ensino do esporte na infância, mais precisamente do futsal e identificar a construção dos princípios pedagógicos dos técnicos aplicados na prática, bem como verificar se o trabalho dos técnicos é consistente aos princípios pedagógicos recomendados na literatura. Por fim constatar se existe influência dos pais e dirigentes no trabalho dos técnicos, e se positivo de que forma ela se manifesta.

Este estudo justifica-se pelo fato de que a competição para crianças no futsal está presente em vários clubes sociais e esportivos de Curitiba a partir da categoria sub 07. A competição a ser estudada segundo dados da F.P.F.S. tem início em abril e seu término em novembro.

Na minha carreira como técnico esportivo na modalidade de futsal, tive a oportunidade de trabalhar em alguns clubes nas diversas categorias, desde a categoria sub 07 até a equipe profissional e instituições de ensino da capital do estado do Paraná, e vários conflitos foram constatados nas categorias iniciantes, principalmente entre técnicos, pais e dirigentes. A investigação sobre a pedagogia do treino, a implicação social que o esporte pode trazer de benefício e prejuízo para os praticantes é fator relevante na formação humana. De um lado o técnico que faz seu trabalho, o dirigente que o contrata e cobra resultados, o pai que leva o seu filho aos treinos e jogos, e por outro lado a

forma que é conduzida todas essas variantes. Busca-se um determinado caso específico para posterior análise a fim de ampliar a discussão sobre a prática pedagógica e a participação dos agentes.

Encontraram-se estudos realizados que tem como ponto central o processo ensino aprendizagem no futsal. Moreira (2005); Galatti (2006); Saad (2002) realizaram estudos que tratam sobre o processo de ensino aprendizagem. A pedagogia do esporte e seus aportes foram destacados por Santana (2003); Rezer (2003); e Voser (1998). Os estudos de Saad (2002); e Lima Jr (2010) tiveram como ponto principal a iniciação e a formação esportiva de jovens atletas, enfim pretende-se relacionar a formação de atletas no futsal de forma integrada entre pedagogia e sociologia do esporte.

Por isso o estudo pode ser relevante, visa entender como é a prática profissional do técnico, suas aplicações pedagógicas e como ele atua em relação às possíveis influências que podem sofrer dos dirigentes e dos familiares, na rotina dos treinamentos e das competições. Em resumo, a prática profissional dos técnicos e sua forma de atuação, a influência exercida pelos agentes envolvidos, as relações que acontecem entre técnicos, dirigentes e pais dos atletas formam o eixo central desse trabalho. Os dados obtidos nesse estudo podem ter uma importância relevante a profissionais que atuam na área como técnicos esportivos da modalidade de futsal nas categorias de base, dando subsídios a uma melhor compreensão nas relações que estão envolvidas, objetivando melhorar o trabalho dos profissionais.

METODOLOGIA

Uma busca no site da CAPES (2012), utilizando as seguintes palavras chaves: crianças de 11 a 12 anos, teorias sociais, valores sociais, sociologia do esporte, teorias pedagógicas, práticas pedagógicas, pedagogia do esporte, aprendizagem, iniciação, especialização, encontrou-se 96 trabalhos entre teses e dissertações relacionados ao futsal, entre elas 09 teses e 87 dissertações que apresentaram correlações com os assuntos. Já em relação a pais e dirigentes no esporte, encontraram-se 25 resultados entre teses e dissertações, sendo 19 dissertações e 06 teses, porém nenhum estudo que trate especificamente da atuação/interferência desses agentes na formação esportiva.

Sobre a pedagogia do esporte os autores mais encontrados nas teses e dissertações como referências foram os seguintes: João Batista Freire, Wilton Carlos de Santana, Pablo Juan Greco, Rodolfo Novellino Benda, Roberto Rodrigues Paes. O recorte foi feito através das obras desses autores, pelo fato delas terem relação com o futsal, a iniciação esportiva e a formação de atletas.

No tratamento metodológico utilizamos inicialmente Bardin (1995) que sugere os seguintes passos: na organização da análise são realizados:

- 1) Pré-análise;
- 2) Exploração do material;
- 3) O tratamento dos dados obtidos;
- 4) Sua interpretação.

Na fase da pré-análise, os princípios pedagógicos mais encontrados que dão base para os treinos na formação de atletas, servirão de referencial para estruturar as entrevistas.

A fase de exploração do material consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração (referencial de codificação ou sistema de categorização), que permite atingir uma representação do conteúdo, ou sua expressão; a fim de esclarecer as características do texto em função da teoria de fundo e que reflete o objetivo da pesquisa. O objetivo da investigação obtida juntos dos participantes em algo que seja interpretável, que tenha significado para o investigador: as chamadas categorias de análise.

Quadro 3: Categorias de análise utilizadas no estudo

CATEGORIAS – Princípios pedagógicos	SUB-CATEGORIAS
1. Ensinar futsal a todos	Participação de todos nos treinos e jogos, oportunidades iguais.
2. Ensinar bem	Método de ensino, individualidade de cada atleta.
3. Ensinar mais que futsal	Participação, complemento educativo, valores do esporte, envolvimento.
4. Competição	Desafios pessoais, ganhar título, promoção pessoal, prestígio, cobrança por resultados.
5. Especialização precoce	Recompensa financeira, futura profissão, Ponte para o futebol.
6. Possíveis objetivos do futsal na infância	Sociabilidade, saúde, participação no grupo, prazer pelo esporte.

FONTE: adaptação do estudo realizado por Matos e Cruz (1997).

Bardin (1995) também aponta que primeiramente podemos definir categorias de acordo com o referencial teórico, mas posteriormente podem aparecer novas categorias. O quadro 03 demonstra as categorias de análise que foram definidas para o estudo. Após a definição das categorias, criaram-se o roteiro das entrevistas, que formaram a base para a intervenção aos entrevistados.

A técnica de análise será a “análise do conteúdo”. Segundo Bardin, (1995), o pesquisador busca nesse método ultrapassar as incertezas e o enriquecimento da leitura, sem deixar de lado o rigor, a necessidade de descobrir pelo questionamento. A autora afirma que o que é dito, escrito pode ser suscetível a análise do conteúdo. Bardin (1995) resume a técnica, o objetivo e funcionamento ao explicar que o termo é:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos por mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conteúdos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.¹²

Assim os princípios da análise do conteúdo estão direcionados para uma interpretação do conteúdo de qualquer mensagem (comunicação) no sentido de realçar os seus significados, que não é unicamente a partir de uma leitura à letra, mas antes a partir da procura do que está latente, não-aparente, escondido, por trás das palavras sobre as quais se debruça Bardin (1995). Os resultados e discussões serão destacados de acordo com os dados encontrados.

A segunda análise de cunho sociológico foi realizada para que se entendam as relações existentes entre técnicos, pais e dirigentes e inspiradas nos conceitos de *configuração*, *poder* e o *modelo de jogos competitivos* de Norbert Elias (1999), e os conceitos de *capital* e *habitus* do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1996). Esses pressupostos serviram de base para a análise dos dados obtidos nas entrevistas, pois os mesmos terão a função de fazer a integração entre os dados recolhidos e as reflexões advindas da sociologia do esporte, os quais aplicados na rotina de treinamento das equipes possam ampliar a reflexão dos agentes envolvidos e suas ações. A relação entre

¹² Bardin, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1995.

Bardin, os configuracionistas e Bourdieu, está no fato de se buscar aquilo que está escondido nas entrevistas, onde o método nunca pode se sobrepor a descoberta.

A configuração de cada grupo constitui-se pelos atletas e seus familiares durante os treinamentos e os jogos, formando uma rede de interdependência entre todos os envolvidos. Elias (1999) se refere à configuração como sendo um “padrão” mutável que compreende o conjunto criado pelos jogadores através de suas mentes, suas ações nas relações com os outros.

Nessa relação à constituição de uma rede de interdependência torna-se cada vez mais clara, é possível que existam disputas por algum tipo de poder, sendo que esses conceitos podem contribuir para um melhor entendimento dessas relações, assim como o conceito de *habitus* constituído nesse grupo, o qual é definido por Bourdieu como sendo:

um sistema de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente 'regulamentadas' e 'reguladas', sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizada de um maestro.¹³

Todos os envolvidos estão ligados a um mesmo motivo, sem levar em conta a rotina, mas a oportunidade da prática esportiva dos seus filhos.

Como profissional da área há mais de 20 anos, houve facilidade de acesso aos entrevistados da pesquisa. Foram feitas 08 observações, assistiu-se os treinamentos e anotou-se em um diário de campo a metodologia utilizada pelo técnico bem como a utilização dos atletas em cada um dos três clubes investigados, sendo 04 em treinamentos e 04 em jogos dos campeonatos:

¹³ ORTIZ, R. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1994, 2ª ed., p.15.

metropolitano e taça Paraná, durante os meses de março a novembro de 2013, totalizando 24 observações.

Para as entrevistas primeiramente foram feitos os contatos com os dirigentes que deram acessos aos técnicos e juntamente com os dirigentes apontaram os pais que atenderiam os seguintes critérios para as entrevistas:

1. Atletas que fazem parte da equipe pelo menos há dois anos.
2. O Pai deve ter o filho que: participa a maioria dos jogos, mas que também seja substituído durante os jogos; e o filho que inicie a partida no banco de reserva, mas que participa ativamente na maioria dos jogos.
3. Não poderá ser entrevistado o Pai que seja dirigente.
4. Não poderá ser entrevistado o Pai que seja patrocinador da equipe.
5. Dirigente responsável: coordenador, supervisor, gerente esportivo, ou seja, o responsável pela modalidade.
6. O técnico da categoria.

Dessa forma foram construídas dez questões abertas para cada indivíduo a partir do referencial teórico, conforme o anexo I.

Para confirmar se a práxis dos técnicos estavam em concordância com seus discursos, durante as observações foram feitas seis filmagens dos treinamentos, sendo duas filmagens em cada clube. A análise se deu na metodologia usada pelo técnico e como oportunizavam os atletas durante os treinamentos.

O fato de conhecer alguns dirigentes e alguns técnicos serviu para obter maior transparência nas respostas e ainda conseqüências positivas e negativas ao desenvolvimento da pesquisa. Dentre as positivas: alguns entrevistados tiveram um olhar de colega de profissão, o que foi de grande

valia, pois se sentiram mais à vontade em comparação a um entrevistador/pesquisador desconhecido. Em relação às negativas, o receio foi que pudessem esconder detalhes ao exporem suas opiniões por medo de manifestarem fatos acontecidos nas relações de trabalho com os sujeitos a serem investigados, distorcendo assim, a realidade dos fatos.

A pesquisa de campo é de cunho qualitativo exploratório, envolveram membros de três clubes disputantes do campeonato metropolitano de futsal categoria sub 11 da cidade de Curitiba. Os clubes selecionados para a pesquisa são aqueles que disputam o campeonato metropolitano há mais de quatro anos:

1. Um clube profissional de futebol que possui a modalidade de futsal com o aporte financeiro vindo dos pais dos atletas;
2. Um clube social de classe alta, cuja entrada deve ter a indicação de um membro que seja sócio e indique o novo associado que deve comprar o título de alto valor.
3. Um clube social de classe média de fácil ingresso ao seu quadro social.

As entrevistas semi estruturadas foram construídas em relação aos objetos do estudo, sendo entrevistados: três técnicos, um de cada clube, não importando se formados ou não no curso de educação física, mas filiados ao CREF (Conselho Regional de Educação física)¹⁴; três dirigentes e três pais de atletas, um de cada clube, totalizando nove sujeitos. Embora os atletas não tenham sido entrevistados, estiveram presentes nos discursos dos técnicos, dos pais, e dirigentes, tendo como hipótese, uma influência muito grande nos

¹⁴ Conselho Regional de Educação Física, entidade estadual dos profissionais de educação física no Brasil.

dados coletados. Esse tipo de entrevista oferece todas as perspectivas possíveis para que a informação alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação (TRIVIÑOS 1987).

A opção pela entrevista semi estruturada é explicada por Triviños (1987. pg.146) por aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam a pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses.

As entrevistas foram em ordem de hierarquia, primeiro um dirigente de um dos clubes selecionados, na sequência o técnico da mesma equipe e depois o pai, após cada entrevista pretende-se fazer a audição e a transcrição antes de partir para a próxima para fazer uma análise prévia dos dados, conforme sugere (TRIVIÑOS 1987).

Os conteúdos das entrevistas foram realizados com a permissão escrita dos participantes através do termo de consentimento livre e informada, documento este que terá de ser endossado pelos mesmos, mantendo o anonimato dos entrevistados. Os dados coletados foram triangulados entre os entrevistados e com o referencial teórico proposto pelo trabalho, e foram investigadas e comparadas as categorias do objeto de estudo. O projeto utilizou o comitê de ética em pesquisa da faculdade Dom Bosco sob número 03 61 2010.

CAPÍTULO I

Nesse capítulo busca-se contextualizar o ensino do esporte no Brasil através de uma revisão de algumas obras que tratam sobre a iniciação esportiva. No futsal, em decorrência do envolvimento desde muito cedo em competições oficiais, a partir dos 05, 06 anos de idade na categoria chamada sub 07 ou mamadeira¹⁵, existe uma freqüente preocupação com a práxis dos técnicos e as atitudes dos agentes, mais especificamente, pais e dirigentes. Simões; Bohme e Lucato (1999) realizaram um estudo sobre a participação dos pais na vida esportiva dos filhos, Filgueira (2005) sobre os objetivos dos pais na iniciação esportiva e Moraes; Rabelo e Salmela (2004), sobre o papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas, sendo que, os pais, pela participação ativa na vida esportiva dos filhos, podem ser influentes no trabalho dos técnicos.

Os estudos revisados tiveram como base, além do futsal, outras modalidades esportivas coletivas, que mantêm uma certa similaridade, entre elas: o basquetebol, o handebol e o futebol de campo. As discussões foram pautadas na pedagogia do esporte, nas metodologias que envolvem os treinamentos dos iniciantes, principalmente voltadas para além da formação esportiva, isto é, preocupam-se com a formação humana e evitam tratar o esporte de forma reducionista, como por exemplo, uma formação esportiva voltada para a busca de resultados, ou simplesmente a descoberta de novos talentos esportivos.

Portanto as atuações dos técnicos durante os treinamentos e os jogos oficiais são de fundamental importância, pois em alguns casos podem ocorrer a

¹⁵ www.futsalpaulista.com.br/categorias, acessado em 23/09/2013.

especialização precoce, em detrimento de resultados e projeção dos pequenos atletas para uma possível profissionalização, fazendo muitas vezes que os jovens envolvidos desistam da prática esportiva, causando frustrações irreversíveis, como por exemplo, o abandono a prática esportiva.

1.1 A pedagogia do esporte.

Os estudos de Pooley (1981) e Robertson (1998) indicam que a ênfase competitiva e os conflitos com os professores possuem um grande peso na desistência de alunos dos programas esportivos. Os estudos de Loureiro (2003); Menocin (2003) e Ribeiro (2002) constataram que o abandono de jovens jogadores de futebol em Portugal se deu por motivos como: a) problemas com o treinador; b) mudança de estilo de vida; c) cansaço, excesso de treino; d) perda de interesse. Já Harsha (1995) e Mota (2005), apontam a perda de interesse e a busca por outras atividades esportivas, tornando a pedagogia do esporte um fator fundamental para que os jovens atletas continuem com as suas atividades.

Sobre a pedagogia do esporte, Reverdito; Scacchia e Paes (2009) buscaram abordagens em seus estudos e concluíram que há rupturas a modelos reducionistas e que há avanços em direção à constituição de um processo dirigido, sistematizado, organizado e objetivado para o sujeito condicionante da prática esportiva corporal, atendendo-o em sua multiplicidade complexa e potencial, comprometida com a prática educativa. Portanto para o ensino do esporte como uma ação educativa, pressupõe uma prática organizada, orientada, sistematizada e composta por uma avaliação processual (continua) capaz de analisar e apontar sua direção.

Scaglia (1999) e Freire (2003) trazem em suas obras a caracterização de uma abordagem em Pedagogia do Esporte pautada em princípios pedagógicos, dessa forma sugerem que o processo de ensino seja estabelecido em função do aprendiz, respeitando suas características individuais, com o comprometimento de ensinar, promovendo o desenvolvimento de sua autonomia, criticidade e a compreensão do fazer, integrada à sua cultura corporal e social.

Paes e Balbino (2005) e Paes (2006), relatam que dentre as diversas tarefas da Pedagogia do Esporte, uma de suas tarefas fundamentais é “[...] (re) construir as virtualidades de formação e emancipações imanentes aos fenômenos culturais do desporto, procurando convertê-las em ofertas com vincadas intencionalidades educativas”. Desse modo, os técnicos, revestidos de princípios e procedimentos pedagógicos, podem ampliar os valores educacionais e formativos, sustentados em ações conscientes de suas funções e personalidades pedagógicas.

Nessa direção Freire (1998) aponta que é necessário assumir procedimentos que façam os atletas compreender as próprias ações, no entanto são necessárias práticas pedagógicas que levem os praticantes a se concentrarem sobre as ações e as presencias como testemunhas mentais, internalizando as mesmas.

Ferreira; Galatti e Paes (2005) relatam que os interesses, as necessidades e as possibilidades de quem joga devem ser consideradas como fatores de diferenciação para os envolvidos, atendendo suas expectativas, bem como a de seus familiares, já que na formação esportiva de jovens, família e técnicos são elementos cruciais para o caminho do seu desenvolvimento.

Estudos de Filgueira e Schwartz (2007) apontam que atletas, pais e técnicos atuando integrados podem facilitar o desenvolvimento dos envolvidos, reforçam que a presença dos pais é um fator importante, pois são os integrantes da família que mais assistem aos jogos. O crescimento e o desenvolvimento da criança sofrem influência direta dos pais, independente de qual sociedade se insere a família. Esta relação pais-crianças é bastante evidente no esporte, especialmente em fase inicial.

Nessa relação, a práxis dos técnicos é muito importante durante o processo de formação de atletas, os objetivos e as metas devem estar alinhados com a pedagogia do esporte. Paes; Ferreira e Galatti (2005), afirmam que a prática pedagógica sustenta-se sobre a diversidade e os princípios pedagógicos do ensinar esportes a todos, ensinar esporte bem a todos, ensinar mais que esportes e ensinar *a gostar de esportes*. É indispensável que o iniciante tenha prazer em participar do processo de aprendizagem, o que acontecerá mais facilmente se a pedagogia adotada for adequada às possibilidades de execução e entendimento da atividades por parte daquele que a pratica.

Ao técnico cabe utilizar inúmeros facilitadores pedagógicos que englobem todos esses aspectos de forma conjunta, inter-relacionadas e não separadamente. Freire (1998) cita que é função do professor elaborar procedimentos pedagógicos que levem seus atletas as interpretações e aquisições de conceitos e competências associadas às operacionalizações de atividades, que conduz ao praticante uma forma mais segura e que o mesmo possa responder aos problemas nele presentes, sendo a pedagogia do esporte um amplo campo de trabalho e pesquisa.

O mesmo autor remete a racionalização do treino, como procedimentos que facilitam o aprendizado, pois os atletas dependem em boa parte de experiências práticas, as atividades devem levá-los a tomarem contatos intensos com a bola, para explicitar sua fala, relaciona alguns fatores como:

- a) Reduzir o número de atletas dividindo-os em pequenos grupos, assim terão mais oportunidade de participação na atividade;
- b) Utilizar material suficiente para permitir a prática intensa;
- c) Utilizar circuitos em espaços reduzidos para a prática;
- d) Realizar conversas com os atletas, contextualizando os objetivos do treino e dos treinos futuros.

Nesse sentido Freire (1998) destaca que não se pode ensinar qualquer coisa, deve-se ensinar a cada atleta de maneira que todos tenham *as mesmas oportunidades*. Santana (2004) reforça a idéia de Freire no que diz respeito o qual o professor, deve ser competente tecnicamente, estender seu conhecimento *a todas as crianças* e não apenas *às mais talentosas*, não importando o nível de habilidade de cada uma.

Garganta (1994) sugeriu algumas diretrizes para o ensino dos jogos desportivos coletivos que cabe ao técnico refletir sobre tal:

- a) Organizar um ambiente favorável nos treinos, onde os atletas percebam a importância de desenvolver processos de leitura do jogo, de observar as ações de seus companheiros, assim como cooperar com eles, para uma melhora individual e coletiva do jogo.
- b) Privilegiar situações que se aproximem das características e dos objetivos do jogo, buscando exercícios e jogos que apresentem problemas semelhantes e que exijam a criação de soluções semelhantes as do jogo.
- c) Praticar fundamentos e as habilidades, desde o início, em contextos variáveis, de maneira que solicite diferentes formas de execução.
- d) Preocupar-se com as questões de progressão, refinamento e de aplicação durante todo o processo de ensino.

1.2 Métodos para o ensino do esporte na infância

Ensinar um esporte está relacionado aos meios que o técnico utiliza para atingir seus objetivos, ou seja, o método escolhido que deve ter a aplicabilidade de facilitar o ensino-aprendizagem e preparar o iniciante para o processo de treinamento, deve ainda proporcionar situações problemas ou

oferecer tarefas a executar que estejam adequadas às capacidades dos atletas, proporcionando-lhes momentos de prazer e alegria.

Após a apresentação de trabalhos que se preocupam com a formação do ser humano por meio do esporte, a discussão das metodologias de ensino adotadas no Brasil, tornam-se fundamentais, pois são muito importantes para o desenvolvimento dos atletas. No Brasil os modelos de treinos tecnicistas são bastantes utilizados, Go Tani e Corrêa (2006), fazem um questionamento quanto à prática tecnicista:

Será que o fundamento de uma modalidade esportiva praticado isoladamente manteria correspondência com aquele executado numa situação de jogo? Até que ponto aprender partes ou componentes (fundamentos) individualmente estaria associado à aprendizagem do jogo? Sendo mais exagerado, existiriam, realmente, fundamentos específicos em modalidades esportivas coletivas?¹⁶

Nesses tipos de treinos são apresentados uma série de exercícios, os jovens passam da execução e repetição de técnicas, fundamentos básicos, para o jogo formal (coletivo). Alguns treinadores além de treinos tecnicistas, se utilizam também de treinamentos de situações ensaiadas para momentos do jogo (jogadas ensaiadas), Greco e Benda (1998) relatam que:

Professores que acreditam que a aprendizagem da técnica e do desenvolvimento das capacidades táticas nos esportes (principalmente em forma de jogadas ou esquemas táticos) estão relacionadas, quase que exclusivamente, a repetição dos gestos técnicos e à automatização das ações táticas.¹⁷

Empiricamente é possível afirmar que é muito comum nas modalidades coletivas como o futsal, que se treinem jogadas, esquemas de jogo, ou seja, formas pré estabelecidas que propõem uma regulação automática em ordem, diferente da tática, que se adapta para as novas situações que o jogo oferece, Mahlo (1970) cita que crianças que jogam de maneira esquemática, ou seja, a

¹⁶ TANI, G; CORRÊA, U.C. Esportes coletivos: alguns desafios quando abordados sob uma visão sistêmica. In: DE ROSE, D. J. Modalidades esportivas coletivas. 1 Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

¹⁷ GRECO, P. J., BENDA, R. N. Organizadores. Iniciação esportiva universal 1. 1. Ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998. (P.13).

partir de jogadas, não se tornam indivíduos que pensam e agem por si próprios. O atleta deve ter a liberdade de descobrir novas soluções para os problemas do jogo ou buscar a resposta nos conhecimentos táticos adquiridos.

Nessa linha de pensamento observa-se pela experiência empírica, que as equipes, no início dos jogos, procuram realizar as jogadas que foram treinadas, mas no decorrer da partida elas se tornam pouco eficientes, e em muitos casos as equipes nem conseguem realizá-las. E que boa parte dos treinos os trabalhos são dedicados ao desenvolvimento das técnicas, ensina-se um fundamento, depois outro e assim por diante.

Constata-se que essa forma de treino afasta o aprendiz dos motivos da utilização das técnicas, treina-se a técnica fora do ambiente de jogo, desfavorece experiências de jogo, a improvisação, a criatividade e a socialização. Outro fator a se considerar é o tempo destinado a esse tipo de treino, que ocupa quase toda a aula, e no tempo restante que é dedicado ao treino, entra o coletivo como parte final das atividades.

Cabe salientar que o ensino de técnicas bem como os treinos de jogadas ensaiadas não são equivocados, mas é preciso saber dividi-los em relação ao tempo que se pratica. Racionalizar a aula e incluir atividades que desenvolvam o raciocínio cognitivo, esses treinos são importantes no sentido de não tornarem os treinos monótonos e desmotivantes, e para criarem nos aprendizes comportamentos adequados para o uso das técnicas e das jogadas treinadas.

O futsal é um esporte extremamente complexo e imprevisível, ao ser ensinado de maneira a desenvolvê-lo como um todo, o atleta adquire um comportamento pertinente com as situações do jogo. Teodorescu (1984, p.31),

adverte que durante o jogo os procedimentos técnicos, perdem seu caráter invariável devido às situações em constante mudança, por isso, a técnica em esportes coletivos não deveria ser entendida como *algo em si mesmo*, mas sim *ligada ao processo de jogo*, em interdependência com a tática e as qualidades motoras.

Bianco (1999) aponta que quando a técnica é desenvolvida sem ligação com a tática, ocorre uma diminuição do efeito de transferência do que foi aprendido para a situação do jogo, observam-se muitas vezes atletas que executam bem os fundamentos, mas não conseguem desenvolvê-los com eficiência. Garganta (1998) explica que quando se ensina o modo de fazer (técnica) separado do motivo de fazer (tática), isto é, quando se separam gestos e intenções, se priva o jogador de um conjunto de experiências lúdicas que só o jogo pode proporcionar.

O mesmo autor defende ainda que treinos tecnicistas tenham como conseqüências ações de jogo mecanizadas, pouco criativas e comportamentos estereotipados. Assim, é privilegiada a dimensão eficiência da habilidade (forma de realização), independentemente das dimensões eficácia (finalidade) e adaptação, ou seja, do ajustamento das soluções e respostas ao contexto.

Para o técnico conhecer os diversos métodos e compreender seus princípios é fundamental, bem como, organizar as atividades de acordo com a faixa etária, para que sejam atendidas as questões que envolvem o jogo, a tática, a técnica, as questões cognitivas, afetivas e sociais de quem joga, tornando sua prática pedagógica eficiente, (PAES, 2006).

1.3 O ensino do esporte através de jogos

Ao ensinar o jogo pelo jogo as crianças estão envolvidas na competição, existe o desafio, a disputa, a motivação é aparente, é um método importante em todo o processo de ensino-aprendizagem-treinamento, ela influencia diretamente na forma de se perceber os níveis de intensidade e de esforço que se destinam a uma ação ou a um tipo de comportamento motor muito importante no desenvolvimento dos aprendizes.

Os treinamentos pautados em atividades através de jogos desenvolvem nos atletas, formas de comportamentos táticos que são exigidos durante uma partida para que os mesmos resolvam os problemas neles apresentados, não separando a técnica (como) da tática (quando, para quem, por que), os quais os atletas terão que solucioná-los de forma eficaz. Essas atividades são pautadas nos jogos da inteligência tática de cada fase do jogo, ou seja: jogo de ataque, jogo de defesa e jogo do contra ataque. Santana (2004) destaca que esse método:

atende o desejo de jogar das crianças, as habilidades são aprendidas no contexto de jogo, a técnica e a tática desenvolvem-se simultaneamente, favorece as experiências de jogo, as trocas sociais, requer pouco material e facilita a compreensão das regras.¹⁸

Segundo Garganta (1998), verifica-se que:

o jogo como prática pedagógica está centrado em valores como inclusão, convivência e respeito, facilitam e estimulam outros aspectos importantes como à cooperação, a participação e a inteligência, requisitadas para a resolução dos conflitos que surgem no ambiente de imprevisibilidades que o jogo proporciona sendo a aprendizagem do jogo por meio do jogo jogado, o ensino orientado para compreensão do jogo, com o objetivo do desenvolvimento da capacidade tática (cognitiva) em direção à especificidade técnica (motora específica), privilegiando situações de jogos e brincadeiras populares da cultura infantil, metodicamente orientados pelo jogo-trabalho.¹⁹

¹⁸ SANTANA, W. C. Aportamentos pedagógicos na iniciação e na especialização. 1. Ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

¹⁹ GARGANTA, J. O ensino dos jogos desportivos coletivos. Perspectivas e tendências. Movimento, Porto Alegre, ano 4v.1, 1998.

Paes (2002) relata que o jogo pode promover a alegria e o prazer de uma prática que nunca se repete, pois a incerteza presente pode atuar como um fator de *motivação*, despertando cada vez mais o interesse pelo esporte, o autor ainda reforça que é preciso jogar para aprender e não aprender para jogar.

Através de treinos que adotam os jogos como método, desenvolve-se um sistema mais complexo, a inteligência tática passa a ser o foco principal, para tanto recorremos a Garganta (1998) que enfatiza alguns fatores imprescindíveis para os treinamentos das táticas: a necessidade de analisar a estrutura e a dinâmica interna de cada desporto coletivo, no sentido de configurar a sua especificidade. O autor ainda aponta como fator relevante a importância atribuída à dimensão cognitiva do desenvolvimento do rendimento dos atletas, torna-se importante desenvolver, nos jogadores, competências que transcendam a execução propriamente dita, centrando suas capacidades cognitivas nos princípios das ações que regem o jogo: “comunicação entre os jogadores, obtenção de ótimos posicionamentos nos espaços vazios e a percepção antecipada das ações dos adversários”.

Bunker e Thorpe (1982) propõem que a aquisição da consciência tática deve ser o cerne no processo ensino aprendizagem nos esportes coletivos, em vez de habilidades motoras e fundamentos, sugerem que o que fazer (tática) deve proceder ao como fazer (técnica). O que fazer pode ser entendido como o *modo de interação* ou as ações dos jogadores em função dos objetivos da equipe e do jogo. Portanto para que a técnica seja funcional, deve adaptar-se de forma inteligente às situações dos jogos, ou seja, deve ser um processo

intencional para a solução adequada de um dado problema (Águila, 1990; Carvalho, 1998).

Para o preparo dos jovens atletas envolvidos em competições oficiais, a forma de ensino torna-se um elemento importante, Ferreira (2002) e Greco e Chagas (1992), relatam que a tática adquire seu nível de expressão mais alto, ela se baseia na análise que o atleta faz da situação (percepção), elaboração de uma resposta (tomada de decisão) até a execução da ação motora específica. Esta tomada de decisão reflete o nível da capacidade de tática do atleta.

Nesse sentido o comportamento tático deve ser adquirido de forma progressiva, Weineck (1999); Garganta (1995) e Tavares (1995) sugerem que se inicie o aprendizado para jovens com exercícios sem adversários, depois com adversários passivos, e sucessivamente nas condições de competição. Já Graça (1995) estabeleceu situações de exercitação em quatro níveis de complexidade:

Exercitação das habilidades simples sem oposição;
Exercitação da combinação de habilidades ainda sem oposição;
Exercitação em situações de oposição simplificada, formas simplificadas do jogo, número reduzido de jogadores em vantagem ou igualdade numérica;
Exercitação em situações muito semelhantes ao jogo formal.²⁰

Garganta (1995) sintetiza três formas didático metodológica, e afirma que cada uma delas gera distintos produtos de aprendizagem, conseqüente da utilização de diferentes processos, são eles:

Formas centradas nas técnicas, soluções impostas, das técnicas para o jogo formal;
Forma centrada no jogo formal, ensaio e erro, utilização exclusiva do jogo formal;
Forma centrada nos jogos condicionados, procura dirigida, do jogo para as situações particulares.²¹

²⁰ GRAÇA, A. Os comos e os quando no ensino dos jogos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. O ensino dos jogos desportivos da Universidade do Porto, 2 ed. p. 27-34, 1995.

²¹ GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos esportivos coletivos. In: Graça, J. Editor. O ensino dos jogos esportivos coletivos. 2ed: Universidade do Porto. 1995.

De Rose Jr (2002) defende a competição infanto juvenil dentro de um enquadramento em que seja evitado qualquer tipo de *comportamento do adulto*, que deforme aquilo que inicialmente deve ser *formativo e prazeroso*. É preciso que a criança atinja prontidão esportiva, ou seja, um estado de equilíbrio entre o nível de crescimento, de desenvolvimento, de maturação, e o nível de demanda competitiva, recomenda-se que as atividades competitivas sejam adequadas, sem cobranças exageradas que podem gerar sentimentos de incapacidade de realização de tarefas, ansiedade, stress, desmotivação, gerando medo do fracasso e frustrações.

Para Greco e Benda (1998), a competição sistemática, assim como a alta competição, não é construtiva para as crianças, os autores defendem que deve ser desenvolvida a capacidade de jogo, que está caracterizada pela intenção do desenvolvimento das diferentes capacidades que compõem o rendimento esportivo em uma situação de jogo. Os mesmos autores relatam que não existem avanços no rendimento se não se oferece ao atleta a possibilidade de competir, sendo a participação na competição uma meio altamente válido para se consolidar e melhorar os níveis atingidos no treinamento.

O nível de cobrança que se exige pela busca de resultados imediatos em categorias menores acaba por fazer que muitos técnicos acelerem os processos de ensino, portanto o técnico deve proporcionar formas facilitadoras para o aprendizado e, acima de tudo, que motivem os alunos à prática, deve evitar a cobrança excessiva pela busca de resultados imediatos.

Greco e Benda (1998) citam que técnicos por culpa de pressões dos próprios pais ou dirigentes não se preocupam com a formação, *se orientam na*

busca e procura de resultados – para ter assim uma forma de realização pessoal -, ou sua complacência com fatores externos (entendendo aqui os pais, desejosos de êxito a qualquer custo, os dirigentes de clubes ou federações, que consideram a medalha o primeiro lugar, o campeão valorizável), que passam a orientar, determinar os objetivos, enfim, dirigir seu trabalho.

Acontecimentos nessa direção podem trazer como consequência a especialização precoce, decorrentes de: competições regulares, desenvolvimento de capacidades físicas, habilidades técnicas e táticas, sendo o objetivo principal a *performance*. Santana (2005) acrescenta mais alguns riscos da especialização precoce na criança:

estresse de competição: que se caracteriza por um sentimento de medo e insegurança, causado principalmente por conflitos oriundos de uma prática excessivamente competitiva. A criança, neste caso, tem medo de errar, sente-se insegura e com a auto-estima ameaçada;
 saturação esportiva: que se manifesta quando a criança apresenta sinais de desânimo (enjôo) e desinteresse em continuar a prática do esporte. Sente-se, assim porque o praticou em excesso e quer abandoná-lo,
 lesões: que advêm, principalmente, pela prática em excesso e inadequada para a faixa etária.²²

Greco e Benda (1998) destacam que é imprescindível para os iniciantes sistematizar o processo de formação esportiva. As fases caracterizam-se pelos curtos períodos de duração de cada uma delas, havendo coincidência com a evolução ontogenética e, por outro lado, evitando a especialização precoce. Balbino et al. (2013) explicam que não se pode negar que a especialização precoce pode possibilitar bons resultados esportivos a curto prazo, afirma que é importante ter a consciência das consequências em longo prazo desse equívoco pedagógico para a vida dos alunos, como destaca Paes (1997), que além de reduzir, de forma significativa, as possibilidades do

²² SANTANA, W.C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: Paes, R. R., BALBINO, H.F. *Pedagogia do esporte, contextos e perspectivas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, p 1 – 22. 2005.

esporte no processo educacional dos participantes, pode também influenciar o abandono precoce da prática esportiva, como complementam PAES et al. (2008, p. 54):

Cansados de treinamentos diários, da rotina oposta à de seus amigos, dos exercícios difíceis, das competições freqüentes e principalmente da cobrança por empenho e resultados rápidos, as crianças, esgotadas, abdicam do esporte em função de ter vida de criança, na qual podem brincar, fazer amigos, ir a festas, passear, enfim, onde é permitido que se tenha uma vida de criança, com o prazer e alegria que lhe é pertinente.²³

Greco e Benda (1998) apontam que:

treinamento com crianças e adolescentes é treinamento de formação, de preparação, não somente para o alto nível, mas também para uma vida salutar, cuja atividade física é um meio que o indivíduo conscientizou o esporte na infância deve ser tratado de maneira adequada, respeitando-se a individualidade da criança, independente dos interesses ou objetivos das instituições formais ou informais.²⁴

É importante o esporte adaptar-se às condições: técnica, física e psíquica da criança de forma compatível com suas necessidades e possibilidades, adequando-se à sua maturação orgânica funcional, portanto um dos primeiros passos a serem dados é perguntar às crianças se é isso mesmo que elas querem, atendendo as suas próprias expectativas e necessidades, não às dos pais, técnicos, dirigentes ou de outros interesses alheios aos dos agentes principais: as crianças.

Em fase de iniciação, a criança precisa aprender e conviver com o esporte, vivenciar diferentes situações, construir idéias e valores, descobrir sentimentos e incorporar transformações sociais, afetivas, intelectuais e motoras essenciais para a formação do caráter do indivíduo e para o seu futuro esportivo. Esse processo de transferência e formação ocorre de forma natural e

²³ PAES, R. R. et al. Pedagogia do esporte e iniciação esportiva infantil: as inter-relações entre dirigente, família, e técnico. In: Machado, A. M. (Org.). Especialização Esportiva precoce: Perspectivas atuais da psicologia do esporte. Jundiaí: Fontoura, 2008. P. 49-65

²⁴ GRECO, P. J., BENDA, R. N. Organizadores. Iniciação esportiva universal 1. Da aprendizagem motora ao treinamento técnico. 1ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

envolve a genética e a inter-relação social, próximo contexto a ser desenvolvido.

Nesse sub-capítulo procurou-se contextualizar dentro da pedagogia do esporte, os princípios pedagógicos e as metodologias de treinamentos, considerados importantes na prática dos técnicos de futsal para que possam conduzir esses jovens a um melhor aprendizado e desenvolvimento, não só na formação esportiva, mas também na forma de tratá-los, dando oportunidades de igualdade na participação de todos.

1.4 Conceitos sociológicos constituídos entre técnicos, pais e dirigentes

As crianças inseridas no esporte são dependentes não apenas de incentivos à prática, mas também de quem os acompanham aos treinamentos, que para a maioria dos jovens praticantes é feito pelos familiares, mais exclusivamente pelos pais. Nesse contexto os clubes de futsal de Curitiba que participam de campeonatos oficiais oferecidos pela FPFS (Federação Paranaense de Futsal)²⁵ nas várias categorias, são divididos conforme a idade biológica dos praticantes, e formam uma estrutura constituída por atletas, técnico, dirigentes e pais.

Durante o período dos treinamentos, dos jogos e festividades que cada categoria participa, e que tem a duração de aproximadamente 10 meses, formam-se relações estabelecidas entre os envolvidos. E nesses momentos, as famílias, dirigentes e técnicos se envolvem formando redes de interdependência. Pretende-se nesse sub-capítulo, analisar essas relações através dos conceitos de *configuração*, *interdependência*, *poder*, *modelo de jogos*, de Elias (1999), e os conceitos de *capital* e *habitus* de Bourdieu (1996).

²⁵ Entidade oficial no estado do Paraná que comanda a modalidade no estado.

O futsal como esporte praticado por jovens é capaz de transformar a rotina diária das pessoas envolvidas, para entender a transformação que o esporte pode proporcionar recorre-se a Elias e Dunning (1992):

o esporte tem uma característica de agrupar indivíduos de diferentes posições sociais que, como parte da competição esportiva, formam um agrupamento de pessoas que fazem do esporte uma situação de relação em comum. O jogo ou a competição caracterizam as relações de interdependência que ligam os indivíduos e que constituem os grupos sociais, quaisquer que sejam sua dimensão e sua posição social²⁶.

Durante os treinamentos das equipes de futsal das categorias iniciantes²⁷, os acompanhantes, ou seja, os responsáveis se inter-relacionam enquanto seus filhos treinam e participam das competições. Essas relações podem ser com os outros familiares, com o dirigente e com o técnico, formando uma *configuração*. Para Elias (1999) qualquer tipo de *configuração* social, precisa interagir com alguém, em casa, na escola, na igreja ou em qualquer lugar, um grupo social possui uma maneira única, mas com características próprias e o convívio com esses grupos influenciam os participantes desse grupo em relação a nossa aprendizagem, portanto, estamos sempre aprendendo coisas novas, evoluindo no aspecto intelectual e emocional.

Nesse estudo, específico da categoria sub 11, o foco será entre os familiares, mais especificamente, o pai, o técnico e o dirigente, os quais serão chamados de *agentes*. Recorre-se novamente a Elias (1999) para definir *configuração*, que para o autor é: “a relação da organização da sociedade e as mudanças na estrutura de comportamento e na constituição psíquica, pois constitui uma relação entre a instituição, o clube, e os seus indivíduos”²⁸. O autor entende a *configuração* como um padrão mutável que compreende o

²⁶ ELIAS, N.; DUNNING, E. A Busca da Excitação. Lisboa, 1992. Difel.p.19Ibid., p. 76

²⁷ Considera-se categorias iniciantes: sub 07, sub 09, sub 11 e sub 13, pois são dependentes dos familiares para os levarem ao treinamento.

²⁸ Elias, N. Introdução à Sociologia. Lisboa, Edições 70, 1999.

conjunto criado pelos jogadores através de suas mentes, suas ações nas relações com os outros²⁹.

É preciso entender que nessas relações, formam-se teias de *interdependência*, que são orientadas por forças sociais tidas como forças compulsivas e, como tais, exercidas pelas, sobre e entre as pessoas, por tanto o conceito de *interdependência* será fundamental para a pesquisa, para que se possa entender as relações entre os agentes envolvidos nesse estudo, ou seja, os técnicos, os dirigentes e os pais.

Elias (1999) define o conceito de *interdependência*:

os homens além das relações de produção desenvolvem uma cadeia multidiversificada, onde nós fazemos parte uns dos outros em processo constante de mudanças, à medida que as sociedades se tornam cada vez mais diferenciadas e estratificadas³⁰.

Os indivíduos vivem em redes de *interdependência*, por meio de suas disposições e inclinações básicas, são orientados uns para os outros e unidos uns aos outros das mais diversas maneiras³¹, direcionados a convivência entre os agentes da *configuração* que a partir dessas redes de *interdependência* pela qual os indivíduos acabam se relacionando, percebe-se que os envolvidos recebem influências de outros indivíduos envolvidos com o esporte pelo meio social em que convivem.

Nesse sentido independente da classe social de cada agente, os envolvidos têm uma forte relação entre si, pois durante os treinamentos semanais, que podem variar de duas a três seções, e mais os jogos, que geralmente acontecem no final da semana, os pais se inter-relacionam, sociabilizam e ampliam a rede de interdependência, a dependência se torna

²⁹ Elias, N. Introdução à Sociologia. Lisboa, Edições 70, 1999.

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

mútua e as relações de *poder* começam aparecer entre os agentes e estes podem oscilar conforme os interesses de cada um.

Os locais de socialização, com o passar do tempo, passam a ser diversificados: os locais dos jogos aos finais de semana, as viagens para outras localidades, uma relação dinâmica entre outras atividades. Há um intenso relacionamento entre os familiares, o técnico e às vezes os dirigentes, que vai muito além do que ocorrem dentro da quadra, tais relações e os conflitos, disputa de poder que aparecem durante os jogos. Quais as conseqüências dessas relações com a prática pedagógica do técnico é a parte fundamental desse estudo.

O conceito de *poder* nessa estrutura formada pelos familiares e representada pelos pais, que envolvidos na prática esportiva dos filhos, estão submetidos a competições internas dentro do grupo, seja por um lugar na equipe durante os jogos, ou por uma posição da equipe dentro da competição oficial, nada mais é do que a luta constante entre pessoas pelo *poder*, sendo então o conceito, fundamental para a análise das relações sociais formadas por essa teia de configuração.

O *poder* é uma força inerente ao ser humano, uns tem mais outros tem menos, mas todos têm *poder*, Elias (1999) explica que:

o conceito de poder não pode ser pensado como algo que somente algumas pessoas possuem e do qual as demais estão totalmente desprovidas: nós dependemos dos outros, assim como os outros dependem de nós; obviamente existem discrepâncias nas relações de forças estabelecidas.³²

Nas relações estabelecidas entre os agentes participantes da configuração formada pelos pais nas equipes, a busca pelo equilíbrio de poder

³² CAVICHIOILLI, F.R. Abordagens do lazer no Brasil: um olhar processual. Tese de doutorado apresentada a Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2004. p.168.

pode ser um fator da disputa pelo jogo. Elias ressalta que equilíbrio não é sinônimo de igualdade, mas sim de uma relação de *poder* entre indivíduos e fruto da *interdependência*, o autor ainda afirma que grandes ou pequenas diferenças de *poder*, ou equilíbrio de *poder* está sempre presente onde quer que haja uma independência funcional entre pessoas³³.

Para analisar as disputas de *poder* existentes nessa configuração, recorre-se a Norbert Elias. O autor sugeriu diferentes formas de analisar as disputas de *poder* a qual o autor chamou de *modelo de jogos*, caracterizado por duas ou mais pessoas que medem suas forças. Dentro dos modelos de jogos as relações de *poder* existentes nas inter-relações podem ser classificadas como sendo a força relativa dos jogadores, Elias cita que:

Os modelos demonstram de um modo simplificado o caráter racional do *poder*. Ao utilizarmos os *modelos de jogos* de competição para tornar evidentes as configurações de *poder*, o conceito de relação de *poder* é aqui substituído pelo termo força relativa dos jogadores.³⁴

O *poder* pode ser conseguido das mais diferentes formas, pois não existe apenas um tipo de *poder*, como se pode observar na citação de Gebara e Lucena: é preciso considerar que o argumento básico elaborado por Norbert Elias é que há diferentes fontes de *poder*, que ele é político, econômico, do conhecimento, etc., também se expressando de variadas formas³⁵.

Soma-se ao conceito de poder a teoria dos *modelos de jogos*, as quais serão aproximadas com as situações de disputa de poder verificadas através do conhecimento empírico decorrente da experiência de vários anos trabalhando e acompanhando a categoria sub 11 em diversos clubes da

³³ ELIAS, N. Introdução a Sociologia. Lisboa: Edições 70, 1999.

³⁴ Idem.

³⁵ GEBARA, A., LUCENA, Ricardo de F. O poder e o cotidiano: breve discussão sobre o poder para Norbert Elias. IX Simpósio Internacional do Processo Civilizador. Disponível em: http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos/mesa_debates/art1.pdf, acessado em 14/07/2013

capital, essas situações podem ocorrer nas relações entre os agentes envolvidos e o técnico.

O primeiro modelo de jogo é a *competição primária sem regras*, desconsideram-se as regras do jogo, apresenta-se como um caso de fronteira, ou seja, um dos lados tem como fim privar o outro, não só das suas funções sociais, como também da sua própria vida³⁶. É basicamente movida pelo instinto, reagindo de acordo com a ação do outro.

A aproximação pode ser feita em situações em que pais, por conta do seus filhos não entrarem numa partida, ficam xingando o técnico da arquibancada, muitas vezes contagiando os outros pais, principalmente nos casos em que a equipe perde o jogo, desconsiderando as regras estabelecidas socialmente.

O segundo modelo, que já conta com regras, é o *jogo de duas pessoas (instituições, organizações)*. Neste modelo, o potencial de poder determina o decurso e o controle do jogo, tornando-se um processo aceitável de relação social, nesse modelo, podem existir duas situações:

a. A primeira, um jogador é muito superior ao outro, tem o poder sobre o outro, forçando o mais fraco a fazer certas jogadas. Mas o poder não é apenas do mais forte para o mais fraco, o mais fraco também exerce poder sobre o mais forte, pois os dois orientam-se a partir das jogadas anteriores de um e de outro, sendo mútuo o controle nessa situação. O poder superior controla seu adversário e o decurso do jogo.

b. A diferença de força entre os dois participantes é menor, a dificuldade do participante que detêm maior força controlar o outro diminui

³⁶ ELIAS, N. Introdução a Sociologia. Lisboa: Edições 70, 1999.

drasticamente e a possibilidade do jogador com menos força controlar seu oponente aumenta substancialmente.

O poder determina e controla o jogo, nesse caso o técnico tem o poder sobre a equipe, pode, como exemplo, ser identificado através do respeito dos pais em relação às decisões do técnico na escalação da equipe e substituições feitas por ele durante os jogos, bem como, o dirigente, que também não interfere no trabalho do mesmo, a aproximação é pertinente com a segunda situação.

O terceiro modelo são os *jogos de muitas pessoas a um só nível*. O número de relações simultâneas independentes é limitado, ações individuais são determinadas pela ação anterior e subsidia a futura é um modelo dinâmico e apresenta uma perspectiva evolutiva, existem quatro situações diferentes:

a. Um jogador está jogando com outros três indivíduos, este jogador é muito mais forte que seus adversários, e os jogadores mais fracos estão jogando isoladamente, a única relação que têm entre si é a de jogar contra um mesmo adversário que é mais forte que eles, sendo essa situação muito semelhante à primeira situação do segundo modelo dos jogos. A diferença é que a superioridade do jogador que tem maior força pode diminuir com o aumento do número de adversários, todos interdependentes uns dos outros.

b. Um jogador mais forte joga com vários adversários mais fracos simultaneamente, caso o grupo de adversários mais fracos se unam sem gerar problemas internos, a distribuição de poder pesará para o lado do grupo enfraquecendo o jogador mais forte. Entretanto, se o grupo de jogadores mais fracos tiver problemas internos, a balança do poder poderá pender para jogador mais forte.

c. Quando a força do jogador que detém o poder diminui num jogo multipolar, comparada com a dos seus adversários. Nesse caso a possibilidade dele controlar as jogadas dos seus adversários e de controlar o curso do jogo como tal mudam no mesmo sentido que na primeira situação, contanto que o grupo de adversários seja razoavelmente unido.³⁷

d. O jogo de dois grupos distintos, que jogam uns contra outros. Ambos têm possibilidades iguais de vencer, pois cada lado tem praticamente a mesma força. Como nenhum dos grupos consegue sobrepor-se ao outro, o jogo não é controlado por nenhum dos dois.

Nesse modelo a aproximação pode ser feita em relação à equipe durante um campeonato, como por exemplo, os jogadores considerados reservas começam a atuar mais nas partidas, ocorrendo aumento da confiança do técnico e dos dirigentes nesses atletas, e conseqüentemente a equipe evolui, subsidiando as futuras ações do técnico, tornando a equipe mais competitiva e confiável.

O quarto modelo é o dos *jogos multipessoais a vários níveis*, exige-se um planejamento para uma série de jogadas e um limite de inter-relações na teia podendo ocasionar incompreensão e descontrolo do jogo surgindo aspectos positivos e negativos de associações.

Aumentam o número de participantes, dificultando para o jogador individual a representação do jogo, levando-o a enfrentar problemas para realizar jogadas corretas, tornando o jogo desorganizado, deteriorando seu funcionamento. O jogador individual procura aliar-se a quem possa ajudá-lo no decorrer do jogo para obter vantagens.

³⁷ ELIAS, N. Introdução a Sociologia. Lisboa: Edições 70, 1999.

Assim como no modelo anterior, por conta de uma maior participação dos atletas reservas durante as partidas, o técnico pode limitar a atuação desses atletas nas partidas que considerar mais difíceis e decisivas, pois apesar de terem atuado mais em alguns jogos do campeonato, considera que esses atletas ainda são inexperientes para partidas mais importantes. Essa atitude do técnico pode fazer com que os pais tenham comportamentos inadequados, por não compreenderem sua decisão. Em alguns casos os pais podem procurar o dirigente pedindo que ele interfira nas ações do técnico.

O quinto modelo é o da *competição de dois níveis do tipo oligárquico*, caracteriza-se por uma pressão exercida pelo aumento de inter-relações e de potencial de poder. É uma desintegração interdependente, o confronto social se estabelece a nível secundário, a complexidade estabelecida nas relações inviabiliza interesses pessoais ou superioridade hierárquica, ocorrendo alianças e rivalidades nos diferentes níveis, ou seja, ações para fora e para dentro da teia, o potencial de poder no nível superior é desproporcional e tende a estabilidade, a interdependência impõe limites.

Nesse modelo do jogo, algumas situações são identificadas pela experiência empírica, acontece quando um ou mais atletas chegam para reforçar a equipe, oriundo de uma classe social inferior a dos demais, no momento que começam a jogar mais que os atletas que já estavam na equipe, deixando outros no banco de reservas, começam os conflitos, as alianças que vão contra a essa situação. Porém o poder do dirigente em apoiar as decisões do técnico entra em ação, que vão em direção dos resultados positivos obtidos que amenizam as situações de conflito.

O sexto modelo é a competição em *dois níveis do tipo crescentemente democrático simplificado*. Existe um aumento do potencial de poder das camadas inferiores. Ocorrem vigilância e precaução na manutenção do controle, podendo gerar conflitos e tensões entre jogadores através de uma dependência mútua, limitam-se as ações mantendo equilíbrio entre interdependentes e rivais, Elias escreve:

Neste modelo, pode parecer que, em condições semelhantes o jogador e o seu grupo controlam e orientam eles próprios todo o jogo. À medida que a distribuição de poderes se torna menos desigual e mais difusa, também é mais evidente que um jogador isolado ou uma posição do grupo, pouco podem controlar e guiar o jogo. Na verdade, passa-se o contrário. Torna-se claro que o decurso do jogo – que é o produto de jogadas que se cruzam, efetuadas por um grande número de jogadores, entre os quais há uma diferença de poderes enfraquecida e tentando cada vez mais a enfraquecer – por sua vez determina a estrutura das jogadas individuais de cada jogador.³⁸

A sensação que o jogador tem de orientar ele próprio e todo o jogo, faz parte da inserção do jogador numa figuração. Por figuração Elias entende que a teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si a vários níveis e de diversas maneiras, sendo que o poder nesta teia de relações é uma propriedade fundamental.

Apropriando-se da situação do modelo anterior, os atletas que foram inseridos na equipe, passam a adquirir maior confiança de todos os envolvidos nessa configuração, principalmente dos pais, esse fator é por conta das boas atuações dos atletas nas partidas. A equipe passa então a ter maior destaque em relação aos seus adversários, elevando assim o nível de todos os envolvidos.

O destaque adquirido pela equipe pode ser entendido por Bourdieu em um dos seus conceitos o poder simbólico que é definido como qualquer poder que consegue impor significação e pode estar relacionado à posição que os

³⁸ ELIAS, N. Introdução a Sociologia. Lisboa: Edições 70, 1999.

atletas ocupam nas equipes, bem como a posição dos agentes no grupo. No entanto só se exerce significação, com a colaboração dos que lhe estão sujeitos, porque contribuem para construí-lo como tal.³⁹ Para que um agente ou uma estrutura consiga obter o *poder simbólico* ele necessita ter um maior *capital simbólico* que por sua vez agrupa outros tipos de capitais, a saber: *capital cultural*, *capital econômico* e *capital social*.

Bourdieu define os diferentes tipos de capital como sendo:

O *capital econômico*, que compreende a riqueza material, o dinheiro, as ações, etc. (bens, patrimônios, trabalho)

O *capital cultural* compreende o conhecimento, as habilidades, as informações, etc., correspondente ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família, e pelas instituições escolares, sob três formas: o estado incorporado, como disposição durável do corpo (por exemplo, a forma de se apresentar em público); o estado objetivo, como a posse de bens culturais (por exemplo a posse de obras de arte); estado institucionalizado, sancionado pelas instituições, como os títulos acadêmicos;

O *capital social*, correspondente ao conjunto de acessos sociais, que compreende o relacionamento e a rede de contatos;

O *capital simbólico*, correspondente ao conjunto de rituais de conhecimento social, e que compreende o prestígio, a honra, etc. O capital simbólico é uma síntese dos demais.

As formas de capital são conversíveis umas nas outras, por exemplo, o *capital econômico* pode ser convertido em *capital simbólico* e vice-versa.⁴⁰

Dentro das categorias constituídas por equipes dentro dos clubes, a distribuição de capital é desigual, o que faz com que o conflito no interior do mesmo seja permanente entre os agentes que formam esse espaço e que são dotados dos vários tipos de capitais anteriormente definidos, que podem acirrar a disputa.

Permeado pelas disputas existentes nessas estruturas, bem como a participação efetiva de todos em busca de objetivos diversificados, surge um novo conceito, o *habitus*. Para entender esse conceito Bourdieu relata que essa estrutura constitui o *habitus* e para garantir o seu funcionamento são necessários que existam, além dos objetos de interesse e de disputa, pessoas

³⁹ BOURDIEU, P., *Meditações Pascalinas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.207

⁴⁰ BOURDIEU, P., *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.114

dotadas de *habitus* que identifiquem e legitimem as leis imanentes deste jogo de relações⁴¹.

Para o autor os agentes estão em uma estrutura que os constrange e podem atuar conforme suas posições, conservando ou transformando a sua estrutura.⁴²

Bourdieu define o conceito de *habitus* como sendo:

um sistema de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente 'regulamentadas' e 'reguladas', sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizada de um maestro.⁴³

Na análise desse autor o *habitus* tem um caráter de coletividade não ultrapassando os limites das estruturas em que está ligado:

o *habitus* não é uma invariante antropológica, mas uma matriz geradora, historicamente constituída, institucionalmente enraizada e socialmente variável. O *habitus* é um operador de racionalidade, mas de uma racionalidade prática, inerente a um sistema histórico de relações sociais: assim transcende o indivíduo. O *habitus* é criador, inventivo, mas nos limites das suas estruturas.⁴⁴

Todavia os envolvidos incorporam o *habitus* do futsal, passam a acompanhar outras categorias do seu clube, os jogos dos outros clubes, os resultados e a classificação dos campeonatos. O envolvimento com os outros familiares também tornam-se comum, bem como as teias de relações desse contexto.

Procurou-se através da teoria *figuracional*, os modelos de jogos competitivos, noção de poder, capital e *habitus*, que aplicadas ao esporte,

⁴¹ MARCHI JR, W. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, R. e LUCENA, M. Esporte – História e Sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002, p.93

⁴² BOURDIEU, P. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996 In THIRY-CHERQUES, H.R., Revista de Administração Pública. Vol. 40 (1), p.35.jan./fev.2006, [online] disponível em <http://www.scielo.br>

⁴³ Definição de habitus de Bourdieu, In: ORTIZ, R. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1994, 2ª ed., p.15.

⁴⁴ LOYOLA, M. A. Bourdieu e a sociologia. In: Loyola M.A., organizador. Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola. Rio de Janeiro: EdURJ;2002. p.69.

nesse estudo do futsal competitivo na infância, fazer aproximações com as relações estabelecidas pelas equipes através dos agentes envolvidos, para que se possa ajudar a compreender o jogo interdependente desse meio esportivo.

CAPÍTULO II

2.1. A prática pedagógica do técnico de futsal da categoria sub 11

Nesse capítulo serão apresentados os resultados das entrevistas que envolveram três dirigentes, três técnicos e três pais de atletas de três clubes que participam dos campeonatos oficiais promovidos pela FPFS. Os dirigentes são responsáveis pela contratação dos técnicos, por atender as solicitações e reclamações dos pais e atuar de forma ativa no trabalho do técnico. Os técnicos são os responsáveis pelos treinamentos, por dirigir as equipes durante os jogos, e apresentam um forte relacionamento com os familiares, além de ser uma referência para os atletas. Os pais normalmente são os responsáveis por levarem seus filhos aos treinamentos e aos jogos, e em dois dos clubes investigados também em arcar com as despesas de materiais esportivos, taxas federativas, taxas de arbitragens e também com as viagens que possam ocorrer durante o ano.

Com enfoque na prática profissional dos técnicos serão descritas as formas de atuação desses profissionais, seus princípios pedagógicos, os métodos de trabalho utilizado durante os treinamentos e como oportunizam a participação efetiva dos seus atletas nos jogos. Serão identificados os objetivos dos clubes para a modalidade, bem como os objetivos do esporte nesse ambiente de competição, na visão dos pais e técnicos, e como os pais e dirigentes avaliam seu trabalho.

2.2 A prática pedagógica dos técnicos na visão dos dirigentes dos clubes investigados

A contratação dos técnicos é de responsabilidade dos dirigentes, que atendem alguns critérios conforme os objetivos dos clubes, tem como exigências a formação no curso de educação física com registro no CREF, como afirma um dos dirigentes:

O técnico deve ser formado em educação física, ter o CREF que são os meios legais. Pelo currículo dele, se tem experiência. Às vezes a gente pega sem experiência para trabalhá-lo, e apostar em novos talentos.⁴⁵

No segundo clube investigado o coordenador de esportes é subordinado ao seu gerente, e por ser um clube de classe econômica considerada alta, às exigências são maiores como se pode observar na sua fala:

Trabalhar aqui é complicado, classe social e econômica alta, tem que ter um perfil, além da capacidade e qualidade técnica e tática, afinidade, postura, relacionamento, tratar bem as pessoas. Tivemos que demitir um técnico por esse motivo, mesmo a equipe que era treinada por ele estar liderando o campeonato e não ter perdido um jogo no ano.⁴⁶

No terceiro clube observa-se que os critérios não são diferentes, a procura se dá a um profissional que seja realmente capacitado para a função. O dirigente que também é responsável por uma franquia com um clube profissional de futebol relatou o seguinte:

Contratamos por indicação, pela observação do trabalho que o técnico está fazendo em outro projeto, a gente nunca pegou ninguém no laço e nem pelo currículo, buscamos por afinidade pessoas que a gente acha que entram no perfil do nosso trabalho.⁴⁷

Sobre o método que o técnico utiliza, os dirigentes relataram que fica a critério deles como desenvolver os treinamentos e conseqüentemente a metodologia de trabalho, nenhum deles explicou qual é a forma metodológica

⁴⁵ Entrevista do dirigente do Clube 1.

⁴⁶ Entrevista do dirigente do Clube 2.

⁴⁷ Entrevista do dirigente do Clube 3.

utilizada, ou defendeu uma ou outra forma de treinamento que considerassem ideal, como explicou D1:

Quando contratamos um profissional que está iniciando a sua carreira, nós mostramos nosso método para ele, técnicos mais experientes que já tem sua metodologia, deixamos mais flexível, sempre com supervisão ao seu trabalho.⁴⁸

D2 de maneira bem empírica citou que a forma de trabalho do técnico é em função da faixa etária, e uma possível reclamação se dá em função dos pais, ele disse:

Método de trabalho tem que ser condizente com a faixa etária das crianças, a gente separa por idade, um técnico trabalha com as categorias maiores sub 15 e sub 17, o outro técnico, que é mais didático, trabalha com as categorias menores, a gente vai analisando e todo ano faz um remanejamento, o feed back é dado pelos pais.⁴⁹

Parece não importar para os dirigentes o método que técnico utiliza, somente uma pequena explanação pautada em autores aparece durante a entrevista do D3, no início da sua fala, se reporta a própria metodologia:

Já passaram vários técnicos por aqui, e cada um vinha com a sua forma diferente de trabalhar, eu estou há mais tempo aqui, a gente já desenvolveu uma metodologia de trabalhar, a gente procura que o professor se enquadre.⁵⁰

Continua:

Durante minha vida trabalhei muito com a questão do situacional, estudei muito sobre os trabalhos do Pablo Greco que influenciou muito a minha forma de trabalho, a gente tenta pregar esse método para os meninos que vem trabalhar aqui, para gente ter um padrão de treinamento, por que um dia um precisa substituir o outro, ou assumir outra categoria, a gente precisa ter uma continuidade, ter uma linha metodológica.⁵¹

Pelas observações feitas durante alguns treinamentos constatou-se que os trabalhos dos técnicos são parecidos, as atividades trabalhadas parecem ser repetitivas de uma categoria para outra, porém seguiram um padrão. Os trabalhos foram pautados em formas de jogadas das várias situações que o jogo do futsal apresenta entre elas: saídas de tiro de meta,

⁴⁸ Entrevista do dirigente do Clube 2.

⁴⁹ Entrevista do dirigente do Clube 1.

⁵⁰ Entrevista do dirigente do Clube 3.

⁵¹ Entrevista do dirigente do Clube 3.

jogadas de lateral e escanteio, jogadas de falta, e várias atividades de contra ataque.

Nos depoimentos dos dirigentes a metodologia que o técnico utiliza não é critério para a sua contratação, percebe-se que os dirigentes avaliam os técnicos por eles se enquadrarem na forma de trabalho que é realizada no clube, por confiarem neles, justificando assim a sua contratação.

A partir desses relatos faz-se necessário conhecer por parte dos técnicos a aplicabilidade de métodos e princípios que dão base ao trabalho que realizam frente aos seus clubes. Dois deles apontam o método situacional, como verifica-se nas palavras do T3:

Trabalho com bastante situação de 1 x 1, 2 x 2, até por que aqui na nossa iniciação já pensa em formar a criança para o campo, uso o método situacional. Eu vejo uma importância desse método, por que no jogo, as situações do jogo nessa categoria o que define, é 2 x 2, 2 x 1, situações de contra ataque bastante, nessa categoria um drible diferencia o jogo.⁵²

Outro entrevistado, T1, não deixou claro qual método utiliza, iniciou sua resposta:

Quando entrei o técnico tinha a metodologia dele, a gente tenta implantar a nossa metodologia, na categoria sub 07 e sub 09, a gente sabe que é diferente, aqui a gente não visa tanto a competição a gente vai por eles para jogar, mas não vamos cobrar resultados deles, para não ultrapassar seus limites.⁵³

Foi indagado a falar um pouco mais, da forma que trabalha, continuou:

Trabalho com fundamento, mais recreativo, mais lúdico, acertando posicionamento, para não ficar aquela bagunça dentro de quadra, procuro passar para eles entenderem o espaço da quadra, para verem o que eles podem fazer, da liberdade para fazerem o que eles acham que tem fazer dentro da quadra.⁵⁴

O entrevistado T2, explicou de que forma trabalha, embora não tenha definido o método, falou também do método situacional:

Eu gosto de trabalhar usando todos os meninos, não gosto de trabalhar com duas equipes e deixar gente esperando principalmente por que fica muito dispersivo. Procuro fazer várias atividades colocando todos eles na quadra,

⁵² Entrevista do técnico do clube 3.

⁵³ Entrevista do técnico do clube 1.

⁵⁴ Idem.

outra coisa que eu faço é usar uma **metodologia de jogos**, onde eu dou um problema e eles têm que arrumar uma solução na quadra de momento. Eu penso que o futsal é situacional, eu decodifico situações de jogo, e coloco dentro do treinamento, e também baseado naquilo que eu quero, movimentações, a forma de jogar, para onde tem que se posicionar, onde correr, procuro não fazer muitas situações de decoreba, procuro fazer situações que o jogador entenda quando fazer, porque fazer e como fazer, acho que isso é o mais importante para o jogador.⁵⁵

O método situacional é definido por Greco (1998) como sendo um método que compõe-se de jogadas básicas extraídas de situações padrão de jogo, e podem não abranger a idéia total do jogo, mas contém a temática central do mesmo, tem como vantagens proximidade de ações e situações apresentadas com as encontradas no jogo formal, possibilidade de que o aluno conheça o jogo em suas diferentes fases e planos conforme estruturas típicas do mesmo, dá possibilidade de que o aluno conheça o jogo em suas diferentes fases e planos conforme as estruturas típicas do mesmo, possibilita o contato desde o início com regras formais e de ação do jogo.

Outras formas de trabalho citadas são os trabalhos de 1 X 1, 2 X 2, 2 X 1, Greco (1998) define essas situações como estruturas funcionais que são constituídas por um ou mais jogadores que, numa situação de jogo desenvolvem tarefas de ataque e defesa, de acordo com a posse de bola.

Constatou-se que os técnicos apesar de não demonstrarem um conhecimento teórico aprofundado, realizam trabalhos práticos que vem de encontro a formas de atividades encontradas na literatura. Nossa hipótese é que esse conhecimento pode ter sido absorvido por cursos e estágios realizados, por algumas leituras, as quais foram relatadas pelos técnicos, ou mesmo pela pura repetição de atividades já demonstradas por outros técnicos. Ao serem perguntados quais são os princípios pedagógicos que dão base ao seu trabalho, T3 foi o que citou algumas bibliografias referentes ao futsal:

⁵⁵ Entrevista do técnico do clube 2.

Um pouco de cada coisa a gente vai absorvendo, vai caminhando conforme o futsal vai avançando, processo de tomada de decisão, algumas coisas de antigamente de fundamentação, por que nessa idade a criança tem que ter o mínimo de pré-requisito. Relatou que leu praticamente todas as literaturas do futsal, citou: Andrade Jr, Santana, Lucena.⁵⁶

Já o T1 falou de outras formas de adquirir conhecimento, disse que procura pesquisar muito na internet, trabalho de jogos, 2 x 1, 3 x 1, 3 x 2, é mais na prática, fazendo cursos, fiz vários cursos, com Ferretti e outros técnicos.

Sobre princípios que sustentam o trabalho T2 mostrou-se ser o mais experiente entre eles, inclusive atuando fora do país, relatou:

Base a gente constrói, primeiro estudando, lendo algumas coisas e observando, eu observei muitos treinamentos, muitos treinadores, tive a oportunidade de trabalhar como auxiliar de alguns, vivenciar até em outros países algumas coisas diferentes, aí você vai formando a sua própria metodologia, eu tenho uma metodologia acredito ser a melhor, uma metodologia com bastante jogadas, com bastante participação, baseado muito no desenvolvimento técnico, inteligência de jogo, parte cognitiva, que é a base do meu trabalho, a parte cognitiva do atleta.⁵⁷

O cenário competitivo do futsal da categoria sub 11 nesse estudo, revelou que os dirigentes que são os representantes dos clubes e responsáveis pela contratação dos técnicos não exigem que os mesmos tenham em sua práxis princípios pedagógicos e uma linha metodológica definida, estão preocupados com a postura profissional de acordo com a exigência da instituição, em tratar bem os pais e atletas e representar bem o clube.

Os técnicos demonstraram que atuam de acordo com suas experiências práticas, sejam elas como ex-atletas, com participações em cursos de aperfeiçoamento e estágios com outros técnicos da modalidade que tiveram a oportunidade de trabalhar. Um dos métodos citados por dois dos entrevistados foi o situacional definido acima, Mahlo (1970) adverte que crianças que jogam de maneira esquemática, ou seja, a partir de jogadas, não

⁵⁶ Entrevista do técnico do clube 3.

⁵⁷ Entrevista do técnico do clube 2.

se tornam indivíduos que pensam e agem por si próprios. Os jogos como soluções táticas também aparecem e nesse sentido Paes (2002) relata que o jogo pode promover a alegria e o prazer de uma prática que nunca se repete, pois a incerteza presente pode atuar como um fator de motivação, despertando cada vez mais o interesse pelo esporte, o autor ainda reforça que é preciso jogar para aprender e não aprender para jogar.

De forma diferenciada dos entrevistados anteriormente, os pais foram indagados em opinar sobre o trabalho que os técnicos realizam. Obviamente eles não têm o conhecimento técnico de princípios pedagógicos e métodos de trabalho, estima-se que em suas análises outras possibilidades podem aparecer. Perguntou-se então se atendem os motivos pelos quais levam seus filhos à prática esportiva. As respostas nesse estudo foram positivas como se pode ler nos comentários do P3:

Considero o trabalho muito bom, em razão da variedade de recursos utilizados, a movimentação a coordenação, entre outros fatores que são cobrados durante os treinamentos, as jogadas que são criadas, a maneira que a equipe deve se postar na quadra, os fundamentos como, passe, chute.⁵⁸

Observa-se que os fatores inerentes ao treinamento deixam o pai satisfeito no que diz respeito prática da modalidade que é reforçado quando indagado se o técnico atende os motivos que ele leva seu filho a prática:

Primeiro de tudo é por que ele gosta, a escolha por esse clube é pela forma que é tratado o futsal aqui, é levado a sério, é competitivo, eu acho isso válido, e atende os motivos que meu filho está nesse clube, ele cobra quando tem que cobrar, sabe elogiar, cobra de uma forma que não expõe o atleta perante o grupo, a torcida.⁵⁹

Outros fatores podem estar relacionados ao treinamento, não só a parte técnica, tática estratégica, como se observa no comentário do P1:

A gente está junto a três anos, de início eu achei diferente pela cobrança da competitividade do futsal, o T1 cobra mesmo, mas é uma cobrança que a gente vê resultado, a figura dele aqui eu achei que foi fundamental para esse grupo

⁵⁸ Entrevista do pai de atleta do clube 3.

⁵⁹ Idem.

de meninos na questão do desenvolvimento, não só do futsal, mas na questão de equipe, de ser competitivo, ao mesmo tempo de não encarar como inimigo o outro time, não só para o esporte, mas para o desenvolvimento do caráter e dos meninos como pessoa.⁶⁰

Já o P2 sinalizou que o técnico é uma figura importante para os atletas, como descrito abaixo:

Eu acho que o técnico é o cérebro do time, o coração do time, ele consegue incentivar, de uma maneira sutil, mudar o comportamento durante um jogo, ele consegue ensinar de uma maneira carinhosa e ao mesmo tempo, plena, forte, ele tem muita personalidade e experiência, sabe cobrar na hora certa.⁶¹

Ficou evidente que as cobranças que o técnico faz para os filhos durante os treinamentos são bem aceitas pelos pais. Não está explícito se as cobranças são em função de resultados, estima-se que está relacionada a disciplina imposta pelos técnicos nos treinamentos. Identificou-se em um dos treinamentos observados no clube 1, que um pai ao final das atividades chamou o técnico e quis questioná-lo por sua atitude de chamar a atenção do seu filho de forma mais enérgica e em tom elevado da voz. O técnico de forma educada disse que essa era a sua maneira de cobrança com todos os atletas e não apenas com o filho daquele pai, percebeu-se que após a conversa os dois se entenderam.

Nas observações, a fala dos responsáveis e dos dirigentes vem de encontro a alguns autores, Ferreira; Galatti e Paes (2005) relatam que os interesses, as necessidades e as possibilidades de quem joga devem ser consideradas como fator de diferenciação para os envolvidos, atendendo suas expectativas, bem como a de seus familiares, já que na formação esportiva de jovens, famílias e técnicos são elementos cruciais para o caminho do seu desenvolvimento, sendo que a forma de trabalho é muito importante durante o processo de formação de atletas.

⁶⁰ Entrevista do pai de atleta do clube 1.

⁶¹ Entrevista do pai de atleta do clube 2.

Paes; Ferreira e Galatti (2005), afirmam que a prática pedagógica sustenta-se sobre a diversidade e os princípios pedagógicos do ensinar esportes a todos, ensinar esporte bem a todos, ensinar mais que esportes e ensinar *a gostar de esportes*. É indispensável que o iniciante tenha prazer em participar do processo de aprendizagem. Reverdito; Scaglia e Paes (2009) apontam o ensino do esporte como uma ação educativa, pressupõe uma prática organizada, orientada, sistematizada e composta por uma avaliação processual (continua) capaz de analisar e apontar sua direção.

É possível identificar que desde a contratação do técnico se busca um trabalho que atenda as necessidades do clube, a satisfação dos atletas e de seus familiares. Observa-se que nessas categorias a práxis do técnico é correspondida pelos pais e pelos dirigentes.

2.3. A participação dos atletas durante os treinamentos e os jogos

As equipes investigadas nesse estudo tendem a seguir um padrão de treinamento em relação a quantidade de treinos semanais e a duração dos mesmos, e são identificadas no quadro abaixo.

Quadro 4. Quantidade e tempo de treinamento

CLUBES	Clube 1	Clube 2	Clube 3
QUANTIDADE DE TREINOS SEMANAIS	DUAS VEZES POR SEMANA	TRÊS VEZES POR SEMANA	TRÊS VEZES POR SEMANA
DURAÇÃO DOS TREINAMENTOS	UMA HORA E MEIA	UMA HORA E MEIA	UMA HORA E MEIA

Os técnicos afirmaram que nos treinamentos priorizam a participação de todos os atletas, cada um utilizando sua forma de trabalhar de acordo com a quantidade de atletas que estão envolvidos, comprovada através das filmagens realizadas durante os treinamentos.

O número de atletas em cada equipe é bem diversificado, o que não alterou a forma de trabalho. T3 relatou sobre sua equipe:

Esse ano estou trabalhando com 28 atletas, o treinamento é igual para todos, trabalho com um mínimo de jogo formal, 5 contra 5, para não deixar ninguém esperando muito tempo, trabalho com situações de jogo rápidas, trocando os quartetos a cada situação.⁶²

Indagado se já foi cobrado pelos pais e dirigente, sua resposta veio de encontro a fala dos pais e dos dirigentes:

Cobrança do filho jogar pouco, aí a gente já explica para o pai no começo, seu filho vai jogar no time da prata ele vai ter mais oportunidade, o menino quer jogar mais, pediu para jogar no time da prata, mas o pai não concorda. Quer que o filho jogue no time da ouro, a gente explica que no time da ouro ele pode não ter tanta oportunidade, o pai então não tem o motivo para reclamar.⁶³

Há uma diferença entre as equipes da série ouro e série prata, na série ouro o nível técnico é mais elevado, os atletas são considerados melhores do que os da série prata que foi criada para dar oportunidade as equipes iniciantes nos campeonatos oficiais da FPFS. Os três clubes investigados nesse estudo têm equipes que disputam as duas séries.

T1 trabalha com um número menor de atletas do que T3, para ele o número ideal para trabalhar:

Tenho um grupo de 14 atletas, é que hoje pode ter 14 na súmula, por isso que gosto de trabalhar com 14 atletas, levo os 14 para o jogo, tenho meus 5 titulares, isso está na minha cabeça, quando começa o ano já deixo bem claro para eles, não tem titular, não tem reserva, futsal é um time só, vai jogar quem estiver melhor, quem está se escalando são vocês, vocês vão mostrar para mim quem vai jogar, eu vou dar uma oportunidade aqui, outra ali, uma hora vai surgir um time, é o time que nós vamos começar a trabalhar. Procuro passar igual para todos nos treinamentos, vou fazer um trabalhinho, é igual, paro a jogada, paro para o time reserva e para o time titular. Misturo também os reservas e os titulares, vou fazer um trabalho de 3 x 3, hoje vai você, diferente do time titular.⁶⁴

O outro clube o número de atletas é menor, T2 fala:

Trabalho com 10 atletas, sendo 4 do primeiro ano que a gente já ta preparando para o ano que vem. Eu procuro fazer o treinamento sem definir titular e reserva, sempre procuro fazer 3, 4 formações, em diferentes tipos de treinamento, diferentes tipos de jogos, todos contra todos, todos com todos,

⁶² Entrevista do técnico do clube 3.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Entrevista do técnico do clube 1.

justamente para oportunizar a experiência de todos, se você colocar um time titular e um time reserva, muitas vezes o time reserva vai ser como sparing do titular e o desenvolvimento deles vai ser menor, então eu procuro sempre misturar.⁶⁵

Constatou-se que durante os treinamentos, os técnicos trabalham oportunizando todos os atletas, fazendo que todos participem ativamente das atividades, sem discriminar os que consideram titulares ou reservas, porém durante as observações nenhum campeonato ou jogo importante estava próximo, não descartando que nessas ocasiões exista uma diferenciação entre titulares e reservas durante os treinos.

Identificadas as oportunidades que os técnicos dão aos atletas nos treinamentos, serão relatados de que forma oportunizam os atletas durante os jogos.

T3 explica que por trabalhar com 28 atletas na sua equipe, divide os meninos em competições diferentes da seguinte forma:

Eles não disputam o mesmo campeonato, o grupo disputa 4 campeonatos diferentes, 2 federados e 2 não federados, são divididos em 4 equipes. Levo 10 atletas, 8 de linha e 2 goleiros, todos jogam todos os jogos, ganhando ou perdendo, não um tempo igual mas todos estão participando do jogo.⁶⁶

Outra forma encontrada para minimizar esse problema, foi destacada pelo D3:

A gente procura mudar até a forma de como organizar a equipe para minimizar, por que os problemas vão ocorrer de qualquer maneira. Levar um menino que tenha condição de jogar aquele jogo, que independente do tempo que joga, não deixa a equipe cair de rendimento, por que também tem esse tipo de cobrança do pai que fala que perdemos por causa do filho do outro que entrou.⁶⁷

Pode-se considerar que essa forma de organizar a equipe procura diminuir os problemas existentes nas relações entre os pais, técnicos e dirigentes, porém constatou-se que tem pai que também fica insatisfeito se o filho sair do jogo.

⁶⁵ Entrevista do técnico do clube 2.

⁶⁶ Entrevista do técnico do clube 3.

⁶⁷ Entrevista do dirigente do clube 3.

De forma diferente do T3, T1 utiliza todo o grupo na mesma competição, ou seja, os 14 atletas com que trabalha são relacionados na súmula do jogo, mas nem todos jogam, explica sua atitude:

Nos jogos sempre estou revezando um ou outro, sempre estou colocando um para começar diferente do outro, o grupo que tenho hoje é bom, aí tem outros que estão um pouquinho abaixo, mas a gente já começa a encaixar.⁶⁸

Na fala do T2 as oportunidades são em função do resultado do jogo, mesmo considerando que tem uma equipe homogênea:

[...] eu tenho uma vantagem que o time é muito bom para a categoria, isso facilita para que eu possa mexer em todos eles, porque eu não fico dependendo sempre do resultado, da oportunidade de abrir 2, 3, 4 gols de diferença, muitas vezes eu tenho a possibilidade de colocar todo mundo, isso é uma coisa importante, às vezes tem jogos mais difíceis que eu não consigo colocar todo mundo, podendo colocar eu coloco, muitas vezes até quando eu não coloco, eu me cobro, justamente por causa dessa formação que nós temos de oportunizar, dar oportunidade para todo mundo [...]⁶⁹

T2 continua:

A questão de não colocar todos em um determinado jogo é em razão do resultado, você tem uma equipe base e tem um menino que ainda não está preparado para aquele tipo de situação, aquele tipo de jogo, então você evita colocar, mas você sabe que a criança vem e quer jogar, quer brincar, quer participar, eu consigo mostrar que quando tem oportunidade entram todos, quando não tem oportunidade é por que realmente não deu, eles sabem como é minha forma de trabalhar, então eu não tenho problema nesse sentido.⁷⁰

Os técnicos entrevistados afirmaram que dão oportunidades a todos os atletas, mas não em todos os jogos. Os técnicos falam em oportunidade, seu significado é: “um acontecimento oportuno capaz de melhorar o estado atual de um indivíduo, uma situação nova que traga benefícios”⁷¹. Durante as observações feitas em alguns jogos do campeonato metropolitano, ficou claro que a participação dos atletas no jogo está atrelada ao resultado do mesmo, a busca da vitória é evidente, considerando que todos os atletas treinam em condições de igualdade, o que não ocorre quando estão envolvidos nos jogos

⁶⁸ Entrevista do técnico do clube 1.

⁶⁹ Entrevista do técnico do clube 2.

⁷⁰ Entrevista do técnico do clube 2.

⁷¹ Fonte: <http://www.significados.com.br/oportunidade/>, acessado em 03/12/2013.

dos campeonatos, há uma discordância de procedimentos, podendo ocasionar um desestímulo do atleta, e conseqüentemente o abandono da atividade. Nesse sentido os estudos de Loureiro (2003); Menocin (2003) e Ribeiro (2002) constataram que o abandono de jovens jogadores de futebol em Portugal se deu por motivos como: a) problemas com o treinador; b) mudança de estilo de vida; c) cansaço, excesso de treino; d) perda de interesse.

D2 relatou: “a gente supervisiona, mas nunca cobrando nada de resultado, e se tem que colocar A, B ou C, a gente tem uma conduta, tem que saber que o técnico tem que se encaixar no nosso perfil”.⁷²

Um dos clubes também trabalha dessa forma, seu dirigente, afirmou:

[...] eles trabalham dentro das normas que o clube exige, educar as crianças, resultado da competição para nós não importa, temos que jogar e representar bem a equipe, até por causa dos patrocinadores, temos que estar com as equipes bem trabalhadas para representar bem o clube, quem cobra resultados de nós são os pais [...].⁷³

Aqui aparece outro fator que pode ser considerado importante, que é a cobrança de resultados pelos pais, mas essa cobrança é dos pais nos dirigentes, e não dos pais no técnico.

O dirigente do outro clube expôs que a formação é importante nesse processo, D3 disse:

[...] a gente procura que o professor se enquadre na nossa filosofia, se não for aquilo que a gente quer, pensando na formação do atleta e até deixando de lado um pouco do resultado imediato, para uma coisa que a gente consiga ter mais consistência [...].⁷⁴

2.4 Os objetivos da prática esportiva do futsal competitivo, na visão dos clubes técnicos e dos pais.

Os três clubes investigados nesse estudo diferem na sua forma de atuação, são clubes de tradição no futsal do estado e possuem particularidades

⁷² Entrevista do dirigente do clube 2.

⁷³ Entrevista do dirigente do clube 1.

⁷⁴ Idem.

diferentes, um deles é um clube social de classe média alta e procuram atender seus associados, em relação ao objetivo que o clube tem com o futsal seu dirigente D2 relatou:

O futsal do clube era forte e depois parou de ser forte, durante um tempo só fazia campeonatos internos, agora está resgatando o nome do clube no cenário estadual sem dúvida alguma, fomos campeões da taça Paraná ano retrasado (2011), disputando a final no ano passado. No metropolitano estamos chegando em todas as categorias, queremos resgatar o respeito das equipes adversárias, nosso objetivo enquanto tivermos aqui com essa diretoria que nos dá o apoio, é sermos fortes é bater de frente com qualquer equipe. Conseguimos montar uma equipe na categoria o sub 11, com jogadores de qualidade, lutando para sermos campeões paranaense, quero deixar bem claro aqui, que o respeito com algumas equipes que a gente sabe da qualidade, se por ventura viermos perder, a gente vai aceitar essa derrota, mesmo tendo montado o sub 11 para ser campeão.⁷⁵

O resgate da tradição do futsal com a conquista de títulos foi o ponto principal apontado por esse dirigente, e nessa direção o outro clube social também busca esse status de clube vencedor e aliado a isso a revelação de jogadores surgiu como outro objetivo, seu dirigente relatou:

O futsal já é diferente de outros esportes, é ganhar para tentar buscar alguma coisa lá na frente, ganhamos o paranaense sub 15, agora vamos tentar buscar o brasileiro ano que vem, sempre em nível de Brasil, até por que temos que levar o nome do clube o do parceiro, queremos nas categorias maiores estar no cenário nacional, e para conseguir isso temos que ser campeão paranaense, se não, não chega.

Vários jogadores hoje no profissional saíram daqui, e não ganhamos nada, hoje temos uma parceria assinada, de colocar os guris para jogar futebol de campo, com 14, 15 anos querem ir para o futebol de campo, e querem que alguém os coloquem, se tiverem condições a gente encaminha, a gente já tinha vários atletas daqui jogando lá, a procura maior se dá pela tradição do clube no futsal, por mais de 45 anos, além de vários jogadores terem saído daqui. O futsal do clube é bom, os pais querem que os filhos joguem aqui. As escolinhas estão lotadas, não tem vaga. Escolinhas são abertas, temos mais não sócios do que sócios, é bem mais caro para não sócio, 60% a mais, a gente quer que o pai se associe, que vai ser bom para ele também. A gente também tem algumas bolsas pra crianças carentes.⁷⁶

Identifica-se que os clubes buscam a conquista de títulos como forma de promoção, essa forma de pensar e agir dos dirigentes vem de encontro ao que Bourdieu (1983) define como capital simbólico, que correspondente ao conjunto de rituais de conhecimento social, e que compreende o prestígio, a

⁷⁵ Entrevista do dirigente do clube 2.

⁷⁶ Entrevista do dirigente do clube 1.

honra, etc.⁷⁷ Nota-se que essa prática é comum entre os clubes e que diverge dos relatos anteriores que afirmam não cobrar resultados dos técnicos.

Em segundo plano o termo formação de atletas começa a surgir e por conta do convênio com um clube de futebol profissional esse objetivo se fortalece. De que forma aliado a vontade dos atletas que são iniciados no futsal a jogarem futebol de campo como afirmou o dirigente.

O outro clube é uma franquia de um clube profissional de futebol de campo, seu dirigente que é o responsável pela parceria falou sobre os objetivos:

Temos dois aspectos bem diferentes, em função da parceria com um clube de futebol profissional que tem a questão do rendimento, onde a gente busca valores para fazer um encaminhamento de atletas para as categorias de base do clube. O outro aspecto é que somos um franqueado, somos uma escola de esporte, a gente separa bem isso, a questão da competição, um jogo mais elitizado, a questão de atender o menino da escolinha, apresentar um novo esporte para ele, ensinar os primeiros passos, os primeiros movimentos os primeiros fundamentos.⁷⁸

Nesse cenário competitivo, o mesmo dirigente apontou sobre a formação do atleta, considera a formação um elemento importante durante a vida esportiva de jovens atletas, além do rendimento na modalidade, proporcionar a iniciação esportiva às crianças que procuram sua escolinha não é descartada pelo clube. Nesse sentido, a partir dos depoimentos dos técnicos e dos pais dos atletas serão apresentados os objetivos que consideram importantes, T3 relatou:

O mais importante é formar os princípios e valores para a vida, e não para o atleta, dentro do nosso trabalho aqui, a gente tem que dar uma diferenciação para aqueles meninos que tem potencial para jogar, e tem que preparar e fazer um trabalho de individualidade para aqueles que o pai traz para ter uma atividade física, a gente tem que começar meio que moldar isso, sem saber se vai ser jogador ou não, a gente já começa a fazer um trabalho individualizado. Como a gente não tem como absorver equipe de iniciação e de competição, por falta de horário e de espaço, a gente vai fazer um trabalho de 2 x 2, a gente

⁷⁷ BOURDIEU, P., Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.114.

⁷⁸ Entrevista do dirigente do clube 3.

procura dividir por nível técnico, para que não fique 2 jogadores de nível mais forte contra 2 de nível mais fraco.⁷⁹

Verifica-se nesse clube que o técnico procura fazer uma diferenciação dos atletas pela capacidade que cada um possui, não confrontando os de melhores condições com os outros, separando-os de forma que atenda os objetivos de todo o grupo, entretanto os atletas que possuem condição para jogar hoje, como afirmou o entrevistado, pode não ser o que terá melhor condição de jogar no futuro.

Outro técnico apontou:

O importante para eles é o esporte, estar praticando, para formar um jogador hoje é muito difícil, a gente procura passar tranquilidade para eles, para quando eles chegarem lá na frente, ele mesmo vai poder decidir se quer continuar ou não, se ele vai ter chance ou não, para eles não se sentirem desfavorecidos em relação aos que jogam mais, isso aí no futsal a gente sabe que é normal.⁸⁰

Na sua fala, praticar esporte, estar participando é mais importante, porém as oportunidades de jogar não são iguais a todos os atletas.

A formação também é reforçada pelo T3:

Eu acho que é a formação integral, a gente não está formando só o atleta, está formando a pessoa também, até por que a gente sabe que é um funil, são muitos atletas e são poucos que vão chegar lá em cima, vão dar continuidade, o mais importante é formar os meninos de uma forma geral, com educação, com responsabilidade, que eles possam fazer as coisas dependendo deles.⁸¹

Valores para vida foram apontados aqui como fatores importantes a serem desenvolvidos através do esporte a autonomia aparece na fala desse entrevistado. Todos os técnicos apontaram na sua forma de se expressarem, que a formação de um jogador profissional é muito difícil, por isso focam o trabalho na participação e na formação.

Com os objetivos dos técnicos descritos, serão feitas as análises dos objetivos que os pais têm do esporte para seus filhos, mais especificamente do

⁷⁹ Entrevista do técnico do clube 3.

⁸⁰ Entrevista do técnico do clube 1.

⁸¹ Entrevista do técnico do clube 2.

futsal competitivo. Dos três pais entrevistados apenas um jogou futsal e tentou jogar futebol de campo profissionalmente, um deles P1 declarou que apenas brincou de jogar futebol. O pai do atleta do clube 2, declarou que praticou outros esportes: “futebol e futsal não, joguei vôlei, nadei, lutei”⁸².

O P3 relatou um pouco da sua experiência esportiva:

Joguei futsal, também tentei no campo, é difícil, hoje eu vejo que em relação a minha época, ele está uns 10 passos a frente, eu apoio, mas sempre dizendo para ele, que esse não é o único caminho na vida, além do futebol tem “N” caminhos que ele pode optar, outra atividade esportiva, sei lá, luta, natação, ou caminho mais voltado para os estudos, enfim, sempre a critério dele.⁸³

O pai sustenta a idéia que embora o filho tenha mais condições que ele teve em jogar profissionalmente futebol, não vê isso como obsessão, e sem muitos detalhes afirmou que os objetivos do esporte através do futsal estão sendo atendidos, comentou que o filho está amadurecendo cada vez mais, que agora ele começou a entender, sabe o que é uma competição, a importância da competição.

Na visão do pai entrevistado da outra equipe, a diversão é o fator mais importante para o filho, a participação na equipe, e que os amigos são fundamentais para que ele faça parte do time, relatou:

Eu não faço cobrança para ele ser jogador de futebol, ele vem no sábado fazer pelada com os amigos que não estão na equipe, eu acho uma delícia estar participando, se ele vai ser jogador eu não sei, vai ser muito com ele, enquanto ele estiver se divertindo eu estou me divertindo, tem alguns pais que querem que o filho seja jogador, no grupo tem, veem aquilo como o futuro do filho.⁸⁴

Destacou a relação com os amigos como um dado interessante, jamais pensou no filho jogando futsal e aponta o esporte como um desenvolvimento pessoal para seu filho:

Meu filho veio aqui por que os amigos convidaram, eu nunca pensei no meu filho jogando bola, e tudo que ele aprendeu aqui, desenvolveu aqui, até eu hoje

⁸² Entrevista do pai de atleta do clube 2.

⁸³ Entrevista do pai de atleta do clube 3.

⁸⁴ Entrevista do pai de atleta do clube 1.

tenho interesse de ver futsal na televisão, eu nunca tinha visto, isso veio por essa convivência.⁸⁵

Ao falar sobre os motivos da prática esportiva num ambiente competitivo o pai aponta satisfação ao relatar que o técnico:

Atende os motivos, o incentivo, ele é muito competitivo, as crianças adoram ganhar nessa idade, não é só brincar. Meu filho adora futebol, adora os amigos, é muita diversão, gosta de brincar, não vem por obrigação.⁸⁶

O pai entrevistado não projeta a profissionalização no futebol para o seu filho como fator primordial, aponta a participação na equipe, porém afirma que outros pais acreditam que o filho vai ser jogador profissional de futebol de campo, e que o futsal é só o início do processo.

Corroborando com o P1, P2 relata:

Não tenho expectativa nenhuma com a profissionalização do meu filho, se ele quiser eu incentivo, se ele achar que não é isso eu não incentivo. Tem pais que tem essa esperança muito forte no filho, meu filho vai ser jogador de futebol, eu falei para um pai: “cara você acha, quem decide é lá, a criança pode ser muito boa com 11 anos e lá pelos 15 começar a decair e aos 18 é ruim, ou é ruim aos 11 anos, aos 15 vai melhorando e aos 18 é uma fera, um craque desses qualquer”, e quem vai decidir isso? Têm muitos fatores que influenciam nessa decisão da criança, primeiro o lado esportivo mesmo, o cara enjoa de futebol, pode enjoar de qualquer coisa, agora eu quero vôlei, tem a coisa do social, uma briga que teve no time o cara perde a vontade, as derrotas podem influenciar, os interesses vão mudando conforme a idade, daqui a pouco quer saber de música, quer saber das meninas, encontra alguém que quer andar de skate, então eu incentivo aquilo que ele quiser, se ele quiser se profissionalizar vamos incentivar, o que ele tem que saber é que o funil é forte ainda mais no futebol, e tem pais, que falam meu filho vai ser jogador, precisa ser.⁸⁷

Da mesma forma que o P1, esse pai também não tem expectativa da profissionalização do filho, mas aponta outros pais que tem o sonho do filho ser jogador de futebol profissional, tem como objetivo de vida para o filho, explica:

Nesse grupo tem 2 ou 3 pais que põe fé, eu não vejo isso bom, não é bom nem para o pai, porque o pai já está velho, mais é ruim para a criança, ele põe tanta expectativa, tanta esperança e talvez não seja assim daqui alguns anos, talvez a própria criança possa se frustrar em relação ao pai e a si mesmo, no futebol a seleção acontece no corte, então é bem complicado você apostar numa criança.⁸⁸

⁸⁵ Entrevista do pai de atleta do clube 1.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Entrevista do pai de atleta do Clube 2.

⁸⁸ Idem.

Aproveitando essas declarações, pode-se fazer uma analogia com um dos conceitos da sociologia que é muito aplicado ao esporte, o *habitus*, que na definição de Bourdieu significa:

Um sistema de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente regulamentadas e reguladas, sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizada de um maestro.⁸⁹

Nessa perspectiva de fazer amigos, de se divertir, de praticar um esporte, de estar competindo entre outros fatores que o esporte para trazer de benefícios para esses jovens atletas, os pais estão envolvidos junto com seus filhos, os outros atletas e seus familiares, o técnico e os dirigentes, adquirindo e incorporando o *habitus* esportivo voltado ao futsal, mesmo que a expectativa de ter um filho jogando futebol profissionalmente não seja o objetivo dos entrevistados.

Os pais apontaram que na equipe existem pais que criam expectativas na profissionalização futebolística de seus filhos, nessa direção Greco e Benda (1998) citam que professores por culpa de pressões dos próprios pais ou dirigentes não se preocupam com a formação, se orientam na busca e procura de resultados – para ter assim uma forma de realização pessoal, ou sua complacência com fatores externos (entendendo aqui os pais, desejosos de êxito a qualquer custo), seja pelos resultados, ou por uma possível profissionalização no futebol.

Levantou-se a questão sobre a competição na vida infantil dos seus filhos, a importância dos jovens estarem envolvidos nesse ambiente de disputa,

⁸⁹ ORTIZ, R. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1994, 2ª ed., p.15.

não só pelos resultados dos jogos, mas também na disputa em um lugar na equipe, P3 relatou:

É competir, é saber que a vida é uma competição, independente se ele vai estar no futebol ou numa empresa aonde quer que ele esteja é competição, é um querendo buscar o auge, claro sempre converso com ele que não pode ser de qualquer forma, pisando no companheiro ou coisa parecida, não, tem que lutar para poder conquistar.⁹⁰

Observa-se que o pai busca os valores que a competição pode proporcionar além do esporte, do jogo em si, que através dela o filho se esforce para conseguir seus objetivos. O P1 vê na competição a possibilidade de desenvolver coragem, autoconfiança, e a prática de uma atividade física, mas tem a preocupação da cobrança excessiva que a mesma pode proporcionar:

A competição acaba servindo para os enfrentamentos, algumas coisas ele ainda mostra medo, o fato de estar jogando menos, foi difícil, eu conversei com ele. Eu li muita coisa de criança precoce em competição, não só no futsal, mas em outros esportes. Tem um amigo que é técnico de tênis, me disse que já perdeu atletas por cobrar demais no começo, por outro lado, a quebra dessas coisas mais na brincadeira, é um tempero, se é cedo ou se é tarde eu responderia assim, eu o prefiro treinando a estar num vídeo game em casa, aqui é esporte, ele cresceu muito competindo.⁹¹

Na mesma direção dos entrevistados anteriores, o P2 pontua a questão do lado emocional, o aprender a ganhar e perder:

Tem o lado emocional da coisa que é bacana, toda competição é boa, isso é importante para vida depois, você tá lá nervoso, a emoção da situação, entrar em quadra, a torcida. Outro ponto é a questão do ganhar e do perder, você tem que estar preparado para ganhar ser humilde, e ser humilde para perder também, saber ganhar e saber perder, saber ganhar é mais importante que saber perder, ganhar você não pode sacanear teu oponente, se tem que lutar, tem que competir, na vida é assim, você tem que arriscar, nem que eu perca, você pode ser derrotado, mas que seja com honra, com brio.⁹²

O pai aponta a competição como fator fundamental para o desenvolvimento pessoal do seu filho, mesmo que as cobranças excessivas extrapolem os fatores emocionais e psicológicos que as crianças são capazes de enfrentar.

⁹⁰ Entrevista do pai do atleta do clube 3.

⁹¹ Entrevista do pai do atleta do clube 1.

⁹² Entrevista do pai do atleta do clube 2.

CAPÍTULO III

Nesse capítulo serão contextualizadas as relações que se estabelecem entre os pais da própria equipe, entre os pais e o técnico, os pais e o dirigente, os técnicos e o dirigente, e outras relações que podem surgir. Foram feitas dez perguntas aos entrevistados, e buscou-se identificar nessas relações se há interferências no processo da formação esportiva dos filhos, e de que forma acontecem. Cada agente (pai, dirigente e técnico), tem forte participação nessa configuração, entender o comportamento dos pais, dos técnicos e dos dirigentes, bem como suas condutas, os critérios adotados por eles nesse cenário competitivo do futsal e as possíveis causas e consequências serão explanadas fazendo analogias com os conceitos sociológicos apresentados no capítulo I.

3.1 As relações estabelecidas entre pais, familiares e dirigentes.

Para que se possam entender quais são as relações entre os agentes, faz-se necessário conhecer como os dirigentes atuam frente aos pais que se mostram insatisfeitos com algumas atitudes dos técnicos, se existem abertura para opiniões e interferência.

O dirigente de um dos clubes expôs quais são suas atitudes perante aos técnicos:

Nunca interferimos, temos que entender o que é interferência, bate papo e conversa temos direto, todos os dias, por exemplo, a questão do jogador no jogo de ontem, o time não está andando, precisa de tal jogador, o que você acha dessa ou aquela substituição, mas interferência do tipo tem que por esse ou aquele jogador, nunca, enquanto eu estiver aqui, nunca, nem eu nem os outros dirigentes. O técnico tem “carta branca”, inclusive se ele não quiser que a gente de um conselho, troque uma idéia, nós não vamos procurá-lo se ele não vier nos procurar, se ele vier a gente bate um papo, já que nós somos do futsal também. Por exemplo, se no intervalo de um jogo, o técnico passa por mim e perguntar: o que você acha de uma mudança de marcação, ele fala isso não por falta de convicção, para trocar uma idéia com alguém que foi da área, para poder ajudá-lo, mas nunca interferindo, se eu falar, acho que tem que ser

isso e ele achar que não, eu respeito e a decisão é dele, nós tentamos ajudar, quando somos solicitados, a gente troca uma idéia pelo bem do futsal do clube.⁹³

Percebe-se pelo discurso do responsável que o técnico tem total confiança para realizar seu trabalho. No outro clube o dirigente trabalha com a mesma atitude, e se mostra satisfeito com os técnicos, relata que: “se tiver alguma coisa errada, já vem a reclamação para nós, e essa reclamação é dos pais”.⁹⁴

O dirigente do clube que representa uma franquía com um clube de futebol profissional também citou que os pais são responsáveis em apontar possíveis conflitos e que está sempre monitorando o técnico:

O tempo todo, por que os pais são os próprios termômetros, quando começa reclamação disso, daquilo, a gente começa a ver até a gente. Enquanto o técnico está trabalhando eu estou junto. “Como o dono da panificadora, tem que saber fazer o pão, por que no dia que o padeiro faltar, ele tem que fazer o pão”. A gente tem saber o que está acontecendo, a gente procura falar, está trabalhando dessa forma, você está nesse caminho, a gente fala, não está legal, está fugindo, está tendo problema aqui, a gente tenta direcionar, para que as coisas andem bem, além de ter uma escola formadora, objetivo hoje é formar o jogador, para nós ganharmos dinheiro hoje, a gente precisa ter alguém negociado lá na frente, mas ao mesmo tempo, nossos alunos são nossos clientes, eles pagam mensalidade, temos que pensar em todos os ângulos. A gente avalia tudo, comportamento, atitude, a forma que ele conduz o trabalho, como cuida do nosso material. Os resultados, só pela marca que a gente representa, acabam muitos bons jogadores vindos, a quantidade que a gente tem de alunos nos dão uma condição de termos resultados com os meninos que estão aqui, a gente procura estar sempre entre os primeiros, hoje isso já deixou de ser o primeiro ponto, a gente vai amadurecendo, alguns valores deixam de ser importantes e outros valores começam a vir na frente.⁹⁵

A interferência desse dirigente é sempre pela busca da qualidade, em todos os setores por ser uma escola que precisa atender bem seus atletas e satisfazer os seus familiares. Em nenhum dos relatos as interferências dos dirigentes foram motivadas pelos resultados das competições.

A forma de abordagem do pai ao dirigente foi questionada com o propósito de mostrar se o clube dá abertura para que os pais opinem sobre o

⁹³ Entrevista do dirigente do clube 2.

⁹⁴ Entrevista do dirigente do clube 1.

⁹⁵ Entrevista do dirigente do clube 3.

trabalho do técnico. O D3 explicou: “Eu aprendi a ouvir tudo, mas gente filtra, tem coisas que tem procedência e outras não”.⁹⁶

Outra forma de atuar apareceu na fala do D1, o clube colocou um diretor de futsal, disse:

Assumi um diretor de futsal, nós temos uma equipe de trabalho, e essa equipe senta com a comissão técnica e avalia, e o professor também, o próprio pai se quiser vir aqui e falar com o gerente de esportes, pode vir pode falar até com o presidente a qualquer momento.⁹⁷

No terceiro clube, os pais atuam de forma mais ativa, por se tratar de um clube social de classe média alta, seu dirigente relatou:

A gente respeita a opinião do pai, não que a gente concorde, em momento algum aqui deixamos nos influenciar com uma opinião de pai que vem querendo dar as cartas, aqui eles não se criam. Tem três pais aqui que são ex-técnicos de futsal, então a gente tem que cuidar com os comentários, por que tem que mudar o esquema, falo que quem tem que mudar o esquema ou coisa parecida é o técnico, não o pai, ou eu ou outro dirigente, nós escutamos, várias vezes, aí eu falo, eu respeito seu ponto de vista, sua opinião, mas não concordo, a gente ouve, mas em momento algum vai interferir lá na frente, também nossos técnicos são todos experientes, não deixariam se levar por isso.⁹⁸

Nesses casos aparece o *capital simbólico* por parte de alguns pais que segundo Bourdieu (1983) “corresponde ao conjunto de rituais de conhecimento social, e que corresponde o prestígio, a honra e etc”⁹⁹. Estima-se que esses pais acreditam possuir o poder simbólico, terem maior *capital simbólico* que o técnico da equipe por conta de serem profissionais de educação física e também terem atuado como técnicos de futsal.

O outro poder aparente no clube citado pelo D2 é o poder econômico, que está relacionado com o *capital econômico* do próprio clube, Bourdieu (1983) relata que: “esse capital corresponde a riqueza material, o dinheiro, as ações, etc”¹⁰⁰.

⁹⁶ Entrevista do dirigente do clube 3.

⁹⁷ Entrevista do dirigente do clube 1.

⁹⁸ Entrevista do dirigente do clube 2.

⁹⁹ BOURDIEU, P., Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.114.

¹⁰⁰ Idem

3.2 Os conflitos existentes entre pais e técnicos

Os clubes através dos seus dirigentes estão sempre atendendo as insatisfações que podem surgir no relacionamento do técnico com os pais e mesmo não dando muita importância, as reclamações são constantes, como apontou o D2:

Temos reclamações aqui no clube todo dia, se tem rodada, tem jogo, temos reclamação, os pais acham que por serem sócios, por terem uma condição financeira legal, o filho tem obrigação de jogar, e aqui tem uns pais leigos, que não sabem a diferença de escolinha e equipe de competição, e agora que a regra mudou para 14 atletas, mais 2 podem ficar no banco, todo jogo a gente tem reclamação do técnico.¹⁰¹

Esse dirigente fala que o clube oportuniza alguns atletas que não são sócios do clube a integrarem as equipes de competição com sócios atletas, o dirigente explicou: “o sócio atleta pode chegar uma hora antes do horário do treino, depois pode tomar seu banho, vai ter tudo que o sócio tem, pode jantar aqui no clube e depois de uma hora do término do treino, ele tem que ir embora”¹⁰².

Os sócios atletas são escolhidos pelo técnico no início do ano, porém existe uma limitação do número desses atletas para cada categoria, esse fato tem certa rejeição para alguns sócios do clube, como se observa seguir:

Filho que não joga, tratamento diferenciado de atleta titular e atleta reserva, principalmente sócio atleta, temos uma aceitação próxima de 70%, 80% que são favoráveis aos sócios atletas e os restantes declaram guerra aos sócios atletas. São meninos que vem para ajudar os próprios filhos dos que reclamam, e tem pai que não entende, prefere que o filho jogue independente da colocação da equipe no final do ano, não querem equipes competitivas, os filhos em times competitivos e bons.¹⁰³

Identifica-se nesse clube que os pais dos atletas que rejeitam os sócios atletas possuem o capital econômico definido por Bourdieu o autor explica que esse capital compreende a riqueza material, o dinheiro, as ações, etc. Por

¹⁰¹ Entrevista do dirigente do clube 2.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ Idem.

conta de pagarem uma mensalidade de alto valor econômico para o clube querem determinar as ações do técnico em relação à equipe.

Utilizando os conceitos configuracionistas, entende-se que os sócios atletas podem ser identificados no quinto modelo, o da *competição de dois níveis do tipo oligárquico*, o confronto social se estabelece a nível secundário, a complexidade estabelecida nas relações inviabiliza interesses pessoais ou superioridade hierárquica. Aqui o poder do dirigente em apoiar as decisões do técnico entra em ação, que vai em direção dos resultados positivos, manter ou adquirir o capital simbólico.

O dirigente do clube 1 aponta algumas questões que vão em direção ao que relata o dirigente do clube 2, mas o enfoque competitivo do clube dirigido por ele se torna evidente:

A gente tem pouca reclamação de pais, por que o pai já sabe que aqui é um clube de competição, o pai quer que o filho participe de competição, ele quer que você exija do guri, até pra ter uma educação no esporte, o guri tem que ser dedicado. A reclamação que teve é por que o guri não tem condição de jogar, a gente colocou alguns na taça prata e alguns da escolinha até pra que peguem uma bagagem, prepará-los, são menos favorecidos tecnicamente, aí eles vem reclamar que o técnico não serve, mas não é a questão que o profissional não serve, o atleta também não tem qualidade, e o pai quer que o filho seja um profissional, não vai conseguir.¹⁰⁴

Nesse clube a queixa mais comum dos pais em relação ao técnico, também é devido ao filho não jogar, o dirigente declarou de forma simples: “porque o filho não está jogando, só isso”¹⁰⁵.

No depoimento do outro clube houve reclamações por interesses diferentes dos anteriores, D3 apontou situações como:

Quando a equipe é de competição, tem o pai que quer que o filho jogue, o que quer que o filho vença, tem uma série de interesses onde o objetivo é o mesmo, o resultado. Para outros não, muitas vezes a gente tem que administrar a vaidade, tem pai que quer a prática esportiva, tem pai que traz o

¹⁰⁴ Entrevista do dirigente do clube 1.

¹⁰⁵ Entrevista do dirigente do clube 1.

menino para a realização de uma coisa que ele não teve, outro já imagina um futuro profissional no seu filho, as cobranças são diferentes.¹⁰⁶

Os interesses pelo esporte se mostraram amplos, nesse caso as reclamações também, mas as queixas mais comuns também foram em função do filho não jogar, apesar de aparecer outros motivos:

A mais comum é por que o filho não joga, por que equipe não está indo bem, por que o trabalho está sendo ruim, o técnico não tem nenhuma jogada ensaiada, mas o que pega mais é o menino não jogar. Eu sou pai e já aconteceu comigo, me deslocar para o outro lado da cidade, e voltar com o filho chorando por que não jogou nenhum minuto, e um jogo que eu como profissional de educação física, sabia que ele não tinha condição jogar.¹⁰⁷

Os dirigentes foram unânimes em afirmar que a reclamação mais comum dos pais é porque os filhos não jogam o que poderia ser evitada se os técnicos criassem formas de minimizar essa situação. Mesmo que em alguns casos o pai não aceite que o filho participe de outro campeonato, e nenhum deles afirmou que exista cobrança por resultados, portanto há divergência da atitude dos técnicos que em detrimento dos resultados positivos, abdicam de proporcionar a participação de todos os atletas nos jogos, pelo menos nessa categoria investigada.

Greco e Benda (1998), afirmam que não existem avanços no rendimento se não se oferece ao atleta a possibilidade de competir, sendo a participação na competição uma meio altamente válido para se consolidar e melhorar os níveis atingidos no treinamento. Por tanto pode haver um desinteresse no esporte para as crianças que treinam e não participam das competições, ou seja, treinam durante a semana e no momento de jogar são deixadas de lado.

Outro fator relevante foi destacado pelo D3:

¹⁰⁶ Entrevista do dirigente do clube 3.

¹⁰⁷ Entrevista do dirigente do clube 3.

Há casos que os meninos que jogam mais, quando sai do jogo o pai também reclama, mas com o passar do tempo o pai vai tomando consciência que esse “sair” do jogo e dar o lugar para outro faz parte do esporte.¹⁰⁸

Essa situação demonstra uma disputa de poder entre os pais, o mais comum pelo filho que não participa ou participa pouco, e o outro porque o filho que joga mais tempo as vezes sai do jogo, pode-se explicar essa situação pelo segundo modelo de jogo de Elias (1980) que é *o jogo de duas pessoas (instituições, organizações)*, na segunda situação. A diferença de força entre os dois participantes é menor, a dificuldade do participante que detêm maior força controlar o outro diminui drasticamente e a possibilidade do jogador com menos força controlar seu oponente aumenta substancialmente.

Nesse sentido buscou-se conhecer de que forma os pais tendem a agir com o técnico, se tem alguma queixa a fazer, qual são os motivos e de que forma se manifestam. O pai entrevistado do clube 1 relatou:

Já reclamei, pela escalação, teve situações que achei que estava injusto, parecia que havia um critério que serviu para uns e não para todos. Com o tempo fui entendendo a fórmula do funcionamento. Fui conversar direto com o técnico e aí já entendi mais ou menos como é que funcionava.¹⁰⁹

A abordagem foi direta do pai com o técnico, no outro clube o pai explicou:

Isso sempre tem, como vem muitas mães ver o treino, não que os pais não reclamem, tem muitas reclamações assim: há ele grita demais, ele está gritando muito com fulano. Eu entendo de outra forma, ele está gritando por que ele sabe que ele pode tirar mais, ele pode chamar mais atenção, mas se você souber o choro que já está dando para ele (técnico). Essa figura, que grita, que cobra, ele é o técnico os meninos são apaixonados por ele, ano que vem ele não é mais o técnico deles, os pais estão sentindo mais isso que os próprios meninos que ainda não se perceberam. Queixa sempre tem, tem uns que acham que o filho tinha que jogar naquele momento. Teve gente que não jogou muito ano passado e esse ano está jogando. Outros que jogaram ano passado e esse ano não estão jogando tanto. A queixa mais comum é a forma do técnico chamar a atenção, a forma do técnico ter os meninos na mão é essa, se não a coisa fica muito solta.¹¹⁰

¹⁰⁸ Entrevista do dirigente do clube 3.

¹⁰⁹ Entrevista do pai do clube 3.

¹¹⁰ Entrevista do pai do clube 1.

Surgem questionamentos em relação à postura que os técnicos adotam durante os treinamentos, e partem principalmente por parte das mães, o que aparece na fala do pai do clube 2:

Para o técnico já reclamei, na realidade não fui eu foi minha mulher. Eu nunca fui de falar, eu sempre combati essas atitudes. Teve um jogo, que nosso time estava fraco, não queria nada, entrou morto na quadra, tinham 2 ou 3 atletas que estavam mal na quadra e ele não trocava, não trocava, perdemos o jogo, aí minha mulher falou, hoje eu vou falar. Hoje você errou em uma coisa, você não trocou, tinha 2 que estavam mal, e uns meninos no banco querendo jogar, as vezes faz uma troca e muda o time, aí ele falou acho que errei mesmo. A única vez e foi minha mulher que falou, eu não sou de ficar reclamando.¹¹¹

Os dirigentes procuram não deixar que os pais abordem os técnicos para falar das situações que os incomodam. Os pais foram questionados se já interferiram em relação ao trabalho do técnico, o que foi respondido de forma convicta pelo pai de atleta do clube 3, não. O pai do clube 1 também disse que não interfere, aponta que conversa com o técnico no seguinte sentido:

Não de forma nenhuma, além de ser profissional e entender dessa arte, a gente respeita muito o trabalho dele, quem não é técnico de futebol? A gente sempre conversa, mais na parte, pega mais leve com fulano, os pais se separaram, coisas extra quadra.¹¹²

Já o pai do atleta do clube 2, disse que interferiria não pela forma de trabalho do técnico, mas por outra situação, explicou:

Não, do lado técnico nada, talvez interferisse como no caso do meu filho mais velho que viajou 900 km para um amistoso e jogou 5 minutos. Não deixaria meu filho viajar, em casos desse tipo, sim.¹¹³

3.3 O trabalho do técnico na visão dos pais

A partir dos relatos dos pais identifica-se boa aceitação dos pais pelo trabalho realizado dos técnicos não houve nenhuma questão mais pontual em que os pais interferissem para uma possível mudança, porém foram indagados em citar se gostariam que o técnico mudasse algo em seu trabalho, o pai do atleta do clube 3 respondeu de forma clara: "Não tem nada não."

¹¹¹ Entrevista do pai do clube 2.

¹¹² Entrevista do pai do clube 1.

¹¹³ Entrevista do pai do clube 2.

O pai do atleta do clube 1, foi em direção da socialização, de mais tempo de convivência dos atletas entre eles e com os técnicos, fez o seguinte apontamento:

Acho que falta tempo, não de treinamento, mas de convivência dele, não só na figura do técnico de estar fazendo esse treinamento, mas na situação do técnico ter mais tempo para trabalhar os meninos no ponto de vista “psicoemocional” para o jogo. O técnico gritando vai, pega, dando uma dura e tendo tempo para conversar com os meninos fora da prática, talvez essas viagens que a gente fez para fora, nesses momentos de passear com os meninos fora do treino, talvez isso para os meninos fosse importante, uma convivência mais social.¹¹⁴

Para o pai do atleta do clube 2, a resposta foi no sentido da forma que o técnico trabalha com os atletas, ele relatou:

O que eu gostaria que ele mudasse, ele já mudou, deixar o time homogêneo, tanto os titulares quanto os reservas, você troca e não cai rendimento, não tem diferença nenhuma entendeu. O técnico deixava o time titular jogando enquanto tinha muita gente boa no banco, os meninos não mostravam seu potencial por que não jogavam. Ele começou a girar, entre um sai outro, e o time ficou mais forte, o time ficou mais homogêneo, as crianças que estavam no banco tiveram oportunidade de mostrar aquilo que sabem, e as que eram titulares tiveram humildade de aprender a ficar no banco. A partir dali não teve muita diferença entendeu? De resto ele conhece muito.¹¹⁵

Observa-se que os pais querem que os filhos tenham oportunidade de participar da equipe, jogando, e conseguem visualizar a melhora da equipe e o contentamento dos atletas se isso de fato acontecer.

3.4 O trabalho do técnico em relação aos objetivos dos pais

Para os técnicos, no sentido de mudarem algo em sua forma de trabalho, constatou-se que reagem de formas diferentes as críticas que possam surgir, o técnico do clube 1 relatou:

Já cheguei até pensar em mudar, mas fui aconselhado a não, por que às vezes as pessoas gostam de você do jeito que você é, e não pelo fato de você mudar para que as pessoas passem a gostar de você. Por causa de pais, irem na secretaria reclamar, inclusive foi quando eu comecei a trabalhar no clube, depois de um ano começaram a entender o meu jeito e me apoiaram.¹¹⁶

¹¹⁴ Entrevista do pai do clube 1.

¹¹⁵ Entrevista do pai do clube 2.

¹¹⁶ Entrevista do técnico do clube 1.

Quanto a sua reação T1 explicou da seguinte forma: “não mudo, meu jeito é esse, minha postura é essa, quem não gostar de mim tem que sair”.

O técnico do clube 3 ao ser indagado se mudaria sua forma de atuar por conta de reclamações dos pais relatou:

Mudar a forma de trabalho por interferência do pai não, mas pelo grupo, pela quantidade de atletas, o número grande de atletas é função de que todos pagam mensalidades, os amigos vão trazendo, e assim vai, mas todos jogam, participam de campeonatos.¹¹⁷

Demonstrou abrir mão em função do grupo com uma quantidade grande de atletas que possui. Já o técnico do clube 2 demonstrou ter muita experiência e confiança em seu trabalho, explicou de forma longa:

Não, porque eu tenho uma filosofia comigo, eu acho que você tem que trabalhar de acordo com a tua filosofia, teu pensamento, tua forma de ser e de agir, e ter certeza do que está fazendo. Acho que a pior coisa que tem é quando você sai de um clube porque você mudou, você não foi você. Eu procuro me policiar bastante, perdi muitas vezes a possibilidade de permanecer em alguns trabalhos por essa minha postura. Trabalho da forma que acho que é mais certa, procuro me enquadrar dentro da filosofia do local em que trabalho, daquilo que eles querem como objetivo, mas eu não fujo a minha metodologia de trabalho, a minha forma de ser, a escalação é sempre da minha vontade, não deixo fator externo prevalecer, por que muitas vezes todos tem o interesse pessoal, e eu tenho interesse coletivo, interesse da equipe, então esse interesse pessoal eu não deixo chegar não.¹¹⁸

Aponta que a vaidade muitas vezes prevalece, do pai que quer ver o seu filho jogando, continua:

Nas categorias menores tem que administrar a vaidade principalmente dos pais, em todas as situações você tem que trabalhar nesse sentido, mas quando o pai percebe que você é um cara que não sofre pressão, você não muda teu pensamento independente da postura de um ou de outro, acho que pai também já se posiciona no lugar dele. A relação minha com os pais é muito boa, procuro tratar todos bem, com educação, assim como os meninos, principalmente por que eu deixo bem claro como funciona. Eu acho que quando o pai percebe as atitudes do profissional dificilmente você tem algum atrito. A gente faz reuniões com os atletas, reuniões periódicas com os pais quando a gente precisa, se o processo está tranquilo não se faz, quando tem algum problema já reúne os pais, já coloca, já vê o que está acontecendo para não deixar o problema se agravar e cortar o mal pela raiz.¹¹⁹

¹¹⁷ Entrevista do técnico do clube 3.

¹¹⁸ Entrevista do técnico do clube 2.

¹¹⁹ Idem.

No relato desse técnico é evidente que a sua experiência contribui para que a relação com os pais seja de forma positiva e satisfatória corroborando com o seu capital cultural.

3.5 A atuação dos dirigentes frente aos conflitos

Cada técnico procura adotar uma postura de resolver os problemas que possam surgir, cada um na sua convicção, na sua forma de trabalhar, essa confiança pode estar relacionada com o *capital cultural* de cada profissional, que é definido por Bourdieu:

O *capital cultural* compreende o conhecimento, as habilidades, as informações, etc., correspondente ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família, e pelas instituições escolares, sob três formas: o estado incorporado, como disposição durável do corpo (por exemplo, a forma de se apresentar em público); o estado objetivo, como a posse de bens culturais (por exemplo, a posse de obras de arte); estado institucionalizado, sancionado pelas instituições, como os títulos acadêmicos.¹²⁰

Ocorrendo situações de conflito, T2 vai em direção ao que seu dirigente afirmou, continua:

Já teve casos que o supervisor me chamou para falar de uma situação, o pai se sente mais a vontade de falar com o supervisor (dirigente), a minha relação com o supervisor é muito boa, é muito mais no sentido de a gente conversar para evitar certos problemas, até mesmo para corrigir as situações no início. As reclamações são em função do treino estar muito puxado, o menino prefere jogar na prata, com outro colega, coisas de pai, outras situações são da parte administrativa.¹²¹

As insatisfações aparecem de formas isoladas dos pais em relação ao seu filho e não são motivadas em função da coletividade da equipe.

Para os dirigentes, as conversas e reuniões são formas encontradas de atuar perante o técnico como forma de resolver os conflitos, o dirigente do clube 2 expôs de que forma procura resolver:

[...] a gente blinda o técnico, a gente tem uma maneira de trabalhar. Ao final do jogo nenhum pai conversa com o técnico, se quiser falar alguma coisa fala comigo, no dia seguinte todo mundo mais calmo a gente vai conversar com o pai, a gente procura acalmar o pai, e já marca uma conversa para o dia

¹²⁰ BOURDIEU, P., *Meditações Pascalinhas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.207.

¹²¹ Entrevista do técnico do clube 2.

seguinte na minha sala junto com o técnico, quando a gente percebe que um pai está um pouco alterado. A gente conversa com o técnico antes para expor o que está acontecendo, não esconde nada, aqui é muito transparente quando tem que elogiar a gente elogia, quando tem que criticar a gente critica, por mais que alguns técnicos não gostem dessa cobrança, a gente fala o que aconteceu e o porque aconteceu, e passa para ele saber o que vai ser conversado com o pai [...]¹²²

As tentativas de se evitar o contato direto do pai com o técnico é evidente, o que nem sempre é possível. No clube 1 o dirigente atua de forma diferente, coloca pais para administrarem as situações de conflito:

A gente tinha antigamente e agora vamos voltar a ter um responsável por categoria, um ou dois, a gente pega um pai do primeiro ano e outro do segundo ano, para aprender a dinâmica de como é. Hoje o clube não da nada, nem arbitragem, é tudo dividido pelos pais, uns arrumam patrocínio ou senão as despesas dos campeonatos são divididas pelos pais. Quando chega alguma coisa aqui, a gente toma uma atitude, vai para direção, não chegou até agora nada aqui para cima, se chegar alguma coisa e eu ver se é sério, tenho que passar para o meu superior que é o vice-presidente de esportes, aí vai chegar à diretoria, vai ser feita uma reunião, vai se tomar uma atitude, dispensar o técnico ou remanejá-lo. Vou chamá-lo e conversar sem ele saber quem é o pai, expor o que está acontecendo, mas junto com os outros técnicos, não tem problema nenhum de relacionamento aqui, nem com os técnicos nem com os pais, o pai aqui não apita, ninguém interfere na escalação, nem diretor, ninguém, nem o fato do pai estar pagando, se tiver que ficar no banco, vai ficar.¹²³

A explicação desse dirigente é um pouco confusa, aponta que os conflitos podem ser em relação ao filho não jogar, e envolve toda a diretoria e comissão técnica da equipe. Já o dirigente do clube 3 procura administrar as reclamações da seguinte forma:

Faço um diagnóstico do que é a reclamação, a gente vai até o professor e vai ver se a reclamação tem algum argumento, que normalmente tem, procuro não interferir no trabalho do técnico, passo o problema para ele, e tento administrar.

Problemas sempre estão acontecendo, cada clube cria sua própria forma de se reportar ao técnico.

Apesar dos conflitos, as relações entre os pais e familiares, que se dão por conta do envolvimento com os filhos em um ambiente esportivo de competição, surgem fatores positivos como apontam os pais sobre a

¹²² Entrevista do dirigente do clube 2.

¹²³ Entrevista do dirigente do clube 1.

importância do esporte para seus filhos, o pai do atleta entrevistado do clube 3 relatou:

Primeiro a convivência em grupo, saber conviver em grupo, por que, afinal de contas a gente tem que aprender a viver a competição, que faz que ele (o filho) entenda que é um negócio sério, é como eu falo para ele, é uma diversão séria, não pode levar a sério ao extremo, mas também não é uma brincadeira qualquer, que ele vai chegar ali e levar de qualquer jeito, lidar com esse tipo coisa, com esse tipo de pressão, as vezes vai haver cobrança.¹²⁴

O pai também apontou que o esporte pode ser benéfico para seu filho, que a dedicação e a responsabilidade que deve ter, será um aprendizado para toda a vida:

Já conversei com ele, que tem que se dedicar se é no futebol ou em outra situação, com dedicação o resultado vem, ele aprendeu nesses últimos dois anos, que alguém estará vendo, hoje ele já tem esse reconhecimento, foi indicado para ir para o futebol de campo, ele viu o quanto é importante se dedicar, e isso que eu falo para ele, se lutar, se batalhar, se suar, o resultado virá, independente da área que ele estará. Eu sempre converso que se ele quiser continuar jogando, que é difícil, como ele diz que é o sonho dele, ser jogador profissional, é da vontade dele, porém, não pode confundir de repente com o desejo do pai ou da mãe querer forçar uma coisa que ele não quer. Isso a gente conversa direto para deixar bem claro que depende da vontade dele, no momento que ele achar que não quer mais, a gente vai apoiar em qualquer outra coisa que ele queira fazer.¹²⁵

Outros valores são apontados pelo pai do clube 1, relata:

A socialização, os meninos são oriundos de famílias muito diferentes, no sentido social mesmo, alguns mais humildes, outros com profissões completamente diferentes daquilo que ele está acostumado a ver. Sou professor universitário, dou aula há 33 anos, sou dentista, tenho clínica. Os coleguinhas do meu filho, uns são filhos de delegado, outro filho de piloto de avião, tem um colega que tem uma vidraçaria, outro tem uma oficina mecânica, essa coisa bem plural é fantástica, eu sou sócio do “clube x” e ele veio jogar aqui. Acho que o ambiente por ser mais plural, não ser uma coisa restrita a você ser sócio, você pode vir e jogar, eu achei isso fantástico, essa diversidade para ele é muito importante, crescimento e desenvolvimento não só como atleta, como pessoa mesmo. A gente vai para casa um do outro, estende esse convívio para as nossas casas, a gente procura fazer isso, o esporte leva a um relacionamento fantástico.

Para esse pai a diversidade social é apontada como fator positivo na convivência entre os envolvidos, que assim como o técnico do clube 2 possui o *capital cultural* já mencionado acima.

¹²⁴ Entrevista do pai do clube 3.

¹²⁵ Entrevista do pai do clube 3.

O pai do atleta do clube 2 corrobora com os entrevistados anteriores e acrescenta o esporte como benéfico para saúde:

A noção de responsabilidade, ele faz parte de um time e de uma equipe, fazer parte de uma equipe e ter o seu papel dentro da equipe é importante para ele, a disciplina, ele tem que saber que tem alguém que manda e ele tem que fazer aquilo que ele é indicado. O convívio social, você sempre tem que puxar a criança para o esporte, o esporte te deixa longe de droga, quem não faz nada pensa besteira, o desenvolvimento físico, saudável, parte da saúde também, ainda mais hoje na era dos games, dos eletrônicos. A sociabilidade é a parte de ele treinar a humildade, precisa saber ganhar, saber perder, ser humilde na hora de ir para o banco, ser forte o suficiente na hora de ir para o jogo, são degraus que você vai subindo, e se superando.¹²⁶

Todos os entrevistados têm o esporte como valores fundamentais para a vida, esse pai vai além, relata algumas lições que aprendeu:

Aprendi muitas lições, a mais importante de todas é você aprender a respeitar todas as pessoas, tem gente aqui no clube que vem de ônibus, o cara pega dois ônibus para vir e volta com mais dois ônibus às 10 horas da noite, chega em casa quase meia noite. Essa pessoa tem que ser respeitada, não por que mora longe e tem menos condições, mas pelo esforço que faz, assim como tem gente que vem de mercedes e merece ser respeitada também, por que ela faz esforço também, tem seus outros afazeres e vem aqui incentivar. Eu venho por que eu adoro isso aqui, adoro incentivar meu filho, acompanhá-lo, por que eu sei que isso daqui a pouco vai acabar não por que ele vai parar, e por que eu talvez não tenha saco para acompanhá-lo quando ele estiver com 18 anos, essa fase tem que ser aproveitada, o que eu tiro de lição aqui é esse respeito, você tem que respeitar as pessoas, o técnico, o supervisor, as decisões do clube por mais que você não concorde. A maior lição é o respeito com as pessoas, cada um vem para cá por um motivo, por que o filho gosta é unânime, um por que quer crescer, a outra por que quer ser treinada pelo técnico, outro porque gosta do ambiente do clube, você precisa respeitar essas diferenças, o respeito aqui nesse grupo é mútuo, pode ser que você não concorde, mas respeita. O clube é pré conceituado de clube de riquinho, e não é bem assim.¹²⁷

Observa-se aqui o *habitus* constituído por esse pai, e os valores que o esporte proporciona, são reforçados.

Outra relação identificada nesse estudo e como os pais se comportam enquanto adversários e torcedores dos seus próprios filhos, o pai do atleta do clube 3 pontuou fatos ocorridos dentro do seu próprio clube:

[...] assim como eu observo alguns pais, eu também sei que sou observado, coisas que eu vejo outro pai fazendo para seu filho, que eu também faço para o meu, eu tento me corrigir, assim como coisas boas, tento trazer para mim, para gente tentar achar a melhor fórmula de poder conduzir essa caminhada dentro do esporte [...]¹²⁸

¹²⁶ Entrevista do pai do clube 2.

¹²⁷ Idem.

¹²⁸ Entrevista do pai do clube 3.

Pelo fato do seu filho ter entrado na equipe já constituída, relata alguns problemas que apareceram:

No começo foi muito conturbado, muita intriguinha, hoje está melhorando bastante, já conseguimos até nos comunicar, conversar fora do ambiente de treinos e dos jogos. As intrigas eram por questões da titularidade, alguns pais não entendiam que era um grupo: “O time de futsal”, entendia que era “meu filho futsal”, a ponto de eu presenciar mãe torcendo contra a própria equipe, enquanto seu filho estava no banco. Para mim eram coisas absurdas, eu nunca imaginava um negócio desses, e acabei vendo aqui, infelizmente, mas que hoje em dia já está começando amadurecer para alguns pais que nos somos um grupo. As intrigas eram em função dos filhos jogarem mais, até na questão de fazer mais gols, questão de ego, chega a ser cômico por que isso acontece entre os pais. As crianças estão lá, se abraçando, se divertindo.¹²⁹

O pai do atleta do clube 1, não levantou nenhuma questão sobre o relacionamento com os pais, pontuou que: “o grupo é muito bom, nos damos bem em todos os sentidos.”¹³⁰

O pai do atleta do clube 2, relatou fatos ocorridos na mesma direção do pai do clube 3, problemas pelo filho não estar jogando:

É uma relação delicada, nosso grupo é bom nunca tivemos problemas, mas tivemos problemas com pais de outras categorias, rolou ciúmes, meu filho não está nesse time por que, por que “fulano” está e meu filho não está? Coisas assim, as vaidades do pai em relação ao filho. Teve gente que reclamou na diretoria da nossa equipe, não tinha nada a ver entendeu. A gente tem uns sócios atletas, nessa equipe que é competitiva, tem pessoas que não entendem isso, tem equipe que quer competir e equipe de quem não quer competir, tem pai que falou que não quer que o filho vá para campeonato, a gente entende esse outro lado também. Eu sou assim, se meu filho está no time e porque merece estar no time, se não está, ele que vá treinar, por mérito próprio, eu não vou lá pedir, e tem pai que faz isso, principalmente para os dirigentes, para o técnico, sobra sempre para eles, mas agora está controlado.

Além desses conflitos, relatou problemas ocorridos com os pais de equipes adversárias:

Tivemos problemas com pais de outros times, a gente quase brigou, faltou pouco, fica aquela rixa de pai, coisa boba. Já houve brigas entre torcidas de pais de outros dois clubes, precisaram chamar a polícia, os pais se colocam no lugar dos filhos, tem aquele afã, é meu filho, e não pode ser assim, a gente não pode esquecer que esporte é para se divertir, em qualquer âmbito, até no profissional, a partir do momento que você para de se divertir, que leva a coisa mais a sério do que ela é, perde toda sua essência, a essência do esporte é o bem estar de vida, é diversão, estar junto com outras pessoas.¹³¹

¹²⁹ Entrevista do pai do clube 3.

¹³⁰ Entrevista do pai do clube 1.

¹³¹ Entrevista do pai do clube 2.

Esse pai apesar de condenar as atitudes e os fatos ocorridos, fez parte da confusão, o que não faz sentido em esporte nenhum e em todos os âmbitos, seja profissional ou no caso do relato, do esporte infantil, como ele próprio afirmou. Percebeu-se que a busca do resultado torna-se cada vez mais acirrada, e se esquece que são crianças que estão envolvidas nesse cenário.

Apresentaremos no quadro resumo os principais resultados nos quais aparecem várias divergências.

QUADRO 5: Resumo dos principais resultados.

	DIRIGENTE	TÉCNICO	PAIS
ENSINAR FUTSAL A TODOS	Confiam no trabalho do técnico. O critério para a contratação é a sua experiência.	Oportuniza todos nos treinos, mas nem todos entram nos jogos.	Afirmaram que estão satisfeitos da forma que o técnico trabalha.
ENSINAR BEM	Não interferem no trabalho do técnico e não exigem uma forma metodológica de atuação.	Acreditam que sua forma de trabalho é a mais correta. Não relataram conhecimento teórico aprofundado na pedagogia do esporte.	Gostam da maneira de trabalho do técnico, suas cobranças, a competitividade que é imposta.
ENSINAR MAIS QUE FUTSAL	Tratar todos bem, representar bem o clube.	Formar valores para a vida, gostar do esporte, formação integral.	Prática esportiva, saúde, educação, socialização.
COMPETIÇÃO	Não cobram resultados, não interferem na escalação.	Vencer os jogos. São cobrados pelos pais por não colocarem todos os atletas para jogar.	Faz parte da vida, enfrentamentos, emoção, ser humilde, saber ganhar e saber perder.
ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE	O técnico tem total liberdade para trabalhar da forma que achar melhor, assumem as consequências.	Procuram dar oportunidade para todos os atletas, mas nem todos os atletas entram em todos os jogos. Buscam resultados positivos.	Não fazem questão que os filhos se tornem jogadores profissionais. Aprovam a forma de trabalho do técnico. Querem que os filhos joguem.
POSSÍVEIS OBJETIVOS	Rendimento, vitórias, conquistas de títulos.	Esporte educativo, formar o cidadão.	A participação, socialização, amizade, gosto pelo esporte.

CONCLUSÃO

Por ter trabalhado durante muitos anos com o futsal competitivo em todas as categorias, do sub 07 até o profissional, procurei entender a partir das análises das entrevistas quais são os critérios para contratação dos técnicos, como é sua prática pedagógica, quais são objetivos do treinamento para os clubes, quais são os objetivos da competição para os clubes e os conflitos existentes entre os agentes, e o que o esporte proporciona para todos os envolvidos, dirigentes, técnicos e pais nas categorias iniciantes.

Os dirigentes contratam os técnicos por suas experiências práticas, por já conhecerem sua forma de trabalhar. Nenhum critério quanto a forma metodológica de trabalho baseado em conceitos da pedagogia do esporte foi relatado pelos dirigentes. Os técnicos não relataram nenhuma base teórica as quais baseiam seus trabalhos, quais são os princípios adotados, todos relataram que tem sua própria metodologia, que foram construídas com suas experiências práticas, através de cursos, de observações a treinamentos de outros técnicos, e de algumas leituras de autores específicos do futsal. Nenhum técnico relatou autores da pedagogia do esporte além do Santana que estuda o futsal com base na pedagogia do esporte.

O único método citado por dois dos três entrevistados foi o método situacional que segundo Greco (1998) compõe-se de jogadas básicas extraídas de situações padrão de jogo e podem não abranger a idéia total do jogo. Essa situação foi muito observada durante os treinamentos, principalmente as saídas de tiro de meta, e as bolas paradas: escanteios, laterais e faltas. Percebi que reproduzem as formas que trabalho que acontecem no treinamento dos adultos, situações mecanizadas e pouco criativas para iniciantes no futsal.

Para os pais a forma de trabalho dos técnicos é em parte satisfatória, apontaram a competição como fator fundamental para o desenvolvimento dos filhos, pois as cobranças que são impostas, estão acompanhadas de alguns valores que consideram importantes, como: responsabilidade, respeito, espírito de luta, espírito de equipe e etc. Porém, alguns fatores negativos foram apontados pelos pais, entre eles todos afirmaram que a principal reclamação e conflitos existentes são causados pelos filhos não participarem dos jogos, ou seja, algumas crianças são levadas pelos pais, participam de todo o procedimento que envolve o jogo, e dependendo da situação ficam sentadas no banco de reservas durante todo o tempo de uma partida, saindo frustradas e insatisfeitas por não jogarem.

Aqui se percebe que a falta de estudos dos técnicos em relação a prática pedagógica pode ser uma causa da prática adotada por eles, pois vários autores que deram base a teoria desse estudo afirmam que princípios pedagógicos como: ensinar esportes a todos, que acontece durante os treinamentos, ensinar esporte bem a todos, também acontece em parte, pois o treino é o mesmo para todos, mas no momento em que devem complementar o aprendizado participando dos jogos de forma efetiva muitos são deixados de lado em detrimento do resultado da partida, confirmando a hipótese 1, que há exclusão de atletas quando inseridos em extrema competição. Como consequência estima-se que o princípio pedagógico de ensinar a gostar de esportes, muitas vezes não é atingido, pois os atletas que jogam menos acabam se desinteressando pelo esporte e até abandonando a prática esportiva, como apontou o trabalho de CAREGNATO (2013).

A segunda hipótese aparece subjetivamente por conta de que as dinâmicas exercidas nos clubes seguem pelo mesmo caminho. Os dirigentes relataram que os técnicos devem representar bem o clube dentro da filosofia de trabalho, não importando se os técnicos graduados, especialistas procurem trilhar um caminho diferente daquele que foi implantado pela condição de mercado, rendimento e etc., como consequência o modelo do esporte profissional reproduzido no esporte infantil.

Constatou-se que a principal reclamação por parte dos pais em relação ao trabalho dos técnicos é por conta dos filhos não jogarem ou jogarem pouco, que foi corroborada pelos dirigentes como o fator principal das queixas que recebem. O que poderia ajudar a amenizar essa situação está na quantidade de atletas que os técnicos levam para as partidas, se diminuïrem o número de atletas em cada jogo e derem oportunidade de todos jogarem independente do placar da partida. Essa atitude por parte dos técnicos pode ser uma forma de diminuir os conflitos. Embora esse seja o discurso dos técnicos, não é isso que acontece, observou-se que afirmam que oportunizam todos os atletas, mas essa oportunidade está atrelada ao resultado do jogo. Há, portanto, uma discussão a ser feita sobre o mercado X os estudos pedagógicos.

A participação em outras competições utilizando os atletas que jogam menos nesses campeonatos, também seria uma forma de fazer com que os atletas joguem mais e consequentemente ampliar o aprendizado adquirido nos treinamentos, procedimento utilizado por um dos clubes entrevistados.

Todos os dirigentes entrevistados afirmaram que não cobram resultados dos técnicos, que a formação é mais importante, que cobram postura, que representem bem o clube, que tratem bem os atletas e os pais, não importando

o resultado da competição, estando em conformidade com os valores humanos holísticos que podem ser desenvolvidos através do esporte.

Encontrou-se algumas divergências nas entrevistas, para os clubes, os dirigentes apontaram o resultado como fator fundamental. O clube 2 quer resgatar seu nome no cenário do futsal paranaense. O clube 1, vencer os campeonatos estaduais para se projetarem nacionalmente. Já o clube 3, tem a missão de revelar jogadores para o clube profissional de futebol de campo com o qual possui uma franquia e para que isso aconteça é fundamental que tenham um número grande de atletas, sendo as conquistas de títulos importantes. Conclui-se aqui que os clubes buscam o capital simbólico.

Os técnicos relataram que não são cobrados pelos resultados, porém afirmaram que em alguns jogos não podem colocar todos os atletas para jogarem, que nem todos os atletas têm condições de jogarem as partidas mais difíceis, outra afirmação contraditória em relação aos seus discursos, pois afirmaram que dão oportunidades a todos os atletas. Constatou-se que os técnicos não são cobrados pelos dirigentes por resultados, que os dirigentes não interferem na escalação das equipes, que os treinamentos são iguais para todos, e que nem todos os atletas têm condições iguais durante os jogos.

Sabe-se que existem atletas que tem melhores condições que outros, mas se relataram que a formação é o mais importante, que procuram oportunizar todos, que a principal reclamação de pais é pelos filhos não jogarem ou jogarem pouco, e ainda se não são cobrados por resultados, seria importante que os técnicos procurassem formas que amenizar essas situações que causam os conflitos. Outro ponto está relacionado àqueles atletas que jogam mais que os outros, que tendo mais oportunidades nesse período de

formação, podem obter um desenvolvimento maior que os outros que tem menores oportunidades de jogar.

Baseado nos estudos de Garganta (2013) ao relatar sobre o talento esportivo, o autor usa o futebol como exemplo e afirma que:

O talento constitui uma forma de expressão aprendida e, como tal, é gerado na dependência das condições e oportunidades criadas em busca da combinação ótima dos ingredientes que, em cada praticante e em cada equipe, podem conduzir ao sucesso.¹³²

Para os pais os fatores importantes que a prática esportiva oferece aos seus filhos, é o prazer, a diversão, a convivência com os amigos, a socialização, entre outros, porém dois dos dirigentes relataram que as cobranças por resultados vem dos pais, mais uma divergência encontrada. É possível afirmar que esses pais são os pais dos atletas que jogam mais durante as partidas que priorizam o capital simbólico do filho, e que se mostraram contrariados quando os filhos são substituídos.

Os conceitos sociológicos utilizados contribuem para o entendimento das relações encontradas nesse estudo. Observou-se constante disputa de poder, que os pais não mostram preocupação com a profissionalização dos seus filhos, mas ficou evidente que querem que os filhos joguem, ganhem os jogos e conquistem títulos.

Quanto ao relacionamento entre os pais, as pequenas intrigas relatadas são em função de um atleta jogar mais que outro, e as intrigas maiores foram entre pais de equipes diferentes que em alguns casos quase chegaram as vias de fato. As confusões entre os pais são causadas pelo resultado do jogo, a busca pela vitória, contradizendo também as suas

¹³² GARGANTA, J. Cognição-ação nos jogos desportivos. In. Juarez V. N., Valmor, R., Fernando, T. Jogos desportivos, formação e investigação V. 4. Ed. UDESC. Florianópolis, 2013.

afirmações que reportam a competição como formação de valores para a vida dos seus filhos.

Vale ressaltar que a maioria ou a totalidade dos pais, não tem o conhecimento técnico/acadêmico do trabalho desenvolvido pelos dirigentes e técnicos.

Por tanto, esse estudo pode contribuir para que dirigentes e técnicos busquem a literatura para subsidiar o trabalho que desenvolvem por meio das publicações existentes na área da pedagogia do esporte, podendo ampliar as formas de atuação em relação a prática já exercida, colaborando assim para a formação de atletas de futsal de forma mais equilibrada e com menos conflitos que foram identificados aqui.

A investigação em outras modalidades esportivas coletivas inseridas em competições, também poderá contribuir para subsidiar o trabalho de formação de jovens atletas nas categorias iniciantes, bem como os objetivos dos clubes, as formas de trabalho dos agentes e as relações existentes.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS

DIRIGENTE

1. Você que contrata o técnico das equipes?
2. Existe algum critério para contratação do profissional? (formação)
3. Existe alguma exigência do clube em relação ao método do trabalho do técnico?
4. Em relação ao trabalho do técnico você costuma interferir no seu trabalho?
5. Em quais situações? Resultados, postura e etc.
6. Quando existe alguma reclamação de pais ou responsável elas se referem a que? E quais são suas atitudes?
7. Você dá abertura para que os pais opinem sobre o trabalho do técnico?
8. Quais são as queixas mais comuns dos familiares, em caso de reclamações?(Satisfação)
9. Você conversa com os técnicos em caso de reclamações?
10. Qual o objetivo do clube com a modalidade?

TÉCNICO

1. Qual a sua formação profissional?
2. Qual a sua experiência profissional dentro do futsal?
3. O seu trabalho é baseado em alguns princípios?
4. Qual a fonte desses princípios que dão base ao seu trabalho?
5. Qual o método você utiliza no seu trabalho, e qual a importância?
6. Você tem alguma referência que considera importante para o seu trabalho?
7. O que é mais importante para você, na formação desses atletas?
8. Como você oportuniza seus atletas nos treinos e nos jogos?
9. Existe alguma cobrança do clube no seu trabalho? Em caso positivo que tipo de cobrança?
10. Você já teve que mudar sua forma de trabalhar por interferência de dirigentes ou pais? Como você reage nessas situações?

PAIS

1. Qual é sua opinião em relação à forma de trabalho do técnico?
2. Considera que o técnico atende os motivos que leva o seu filho a prática do futsal? Quais os motivos?
3. Existe algo que gostaria que o técnico mudasse em relação ao trabalho que realiza? Em caso positivo, qual o motivo?
5. Como vê o trabalho do técnico em relação ao seu filho?
6. O que é mais importante para o seu filho nesse ambiente dos treinos e jogos?
7. E para você, o que é mais importante?
8. Você já reclamou do técnico por algum motivo? Em caso positivo, qual o motivo?
9. Você interferiria no trabalho do técnico? Em caso positivo, qual o motivo e de que forma?
10. Qual a importância da competição para seu filho? E pra você?

REFERÊNCIAS

ÁGUILA, G. L. Aproximacion a uma propuesta de aprendizaje de los elementos tácticos individuales em los deportes de equipo. Apunts, Barcelona, n. 24, p.25-68, 1990.

AZUAGA, R. F. S. Representação social de futsal em pais e filhos de uma escola de iniciação esportiva. Dissertação em psicologia da universidade católica Dom Bosco. Campo Grande, M.S. 2012.

BALBINO, H. F. Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos. 2005. 262f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BALBINO, H. F., GALATTI, L. R., FERREIRA, H. B., PAES, R. R. Pedagogia do esporte: sginificacoes da iniciação esportiva e da competição. In: REVERDITO, R. S., SCAGLIA, A. J., MONTAGNER, P. C. Pedagogia dos esporte: Aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. Ed. Phorte. São Paulo, 2013.

BARBIERI, C.A.S. Esporte educacional:uma possibilidade para a restauração do humano no homem. Canoas, R.S: Ulbra, 2001.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1995.

BIANCO, M. A. Importância da capacidade cognitiva no comportamento tático dos esportes coletivos: uma abordagem no basquetebol. In: Premio INDESP de literatura desportiva. V2, Brasília: Ministério do esporte, p95-147, 1999.

BOURDIEU, P., Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.114.

BOURDIEU, P., Meditações Pascalinas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.207

BOURDIEU, P. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996 In THIRY-CHERQUES, H.R., Revista de Administração Pública. Vol. 40 (1), p.35.jan./fev.2006, [online] disponível em <http://www.scielo.br>

BOURDIEU, P., Razões Práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996 In THIRY-CHERQUES, H.R., Revista de Administração Pública. Vol. 40 (1), p.36.jan./fev.2006, [online] disponível em <http://www.scielo.br>

BUNKER, D.; THORPE, R. A. A model for the teaching of games in secondary schools. Bull. Phys. Educ., 18(1), p.5-8, 1982.

CAREGNATO, A. F. Adesão, aderência e abandono no cenário da iniciação esportiva: comparação entre o futsal escolar e clubístico. 2013. Dissertação em educação física, UFPR. Curitiba, Paraná.

CARVALHO, J. O treino das técnicas desportivas na formação do jovem atleta. Treino desportivo, Lisboa, n. 1, p. 43-48, 1998.

CAVICHIOILLI, F.R. Abordagens do lazer no Brasil: um olhar processual. Tese de doutorado apresentada a Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2004. p.168.

CAVICHIOILLI, F. R.; GONCALVES, C. et al The specialization process in portuguese and brazilian soccer clubs: a holistic approach. Sports sciences: 16º annual congress of the ECSS. Liverpool, 2011.

DE ROSE Jr., D. A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: DE ROSE Jr., D. (eds). Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed editora, cap.5, p. 67-76, 2002.

ELIAS, N. A busca da excitação. 1. Ed. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N. Introdução a Sociologia. Lisboa, Edições 70, 1999.

FERREIRA, A. P. Ensinar os jovens a jogar: a melhor solução para a aprendizagem da técnica e da tática. Treino desportivo. n. 20, p. 35-42, 2002.

FILGUEIRA, F.M e SCHWARTZ, M.G. Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto 7 (2), P. 245-253, Portugal, 2007.

FILGUEIRA, F.M. Objetivos dos pais em relação a prática do futebol na iniciação. R. Min. Educ. Fís., Viçosa, v. 13, n. 1, p. 96-110, 2005.

FREIRE, J. B. Pedagogia do futebol. 1. Ed. Londrina: Midiograf, 1998.

GALATTI, L. R. Pedagogia do esporte: o livro didático como um mediador no processo de ensino aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. Dissertação de mestrado. UNICAMP. 01/12/2006. Campinas, SP.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos esportivos coletivos. In: Graça, J. Editor. O ensino dos jogos esportivos coletivos. 2ed: Universidade do Porto. 1995.

GARGANTA, J. O ensino dos jogos desportivos coletivos. Perspectivas e tendências. Movimento, Porto Alegre, ano 4v.1, 1998.

GARGANTA, J. Cognição-ação nos jogos desportivos. In. Juarez V. N., Valmor, R., Fernando, T. Jogos desportivos, formação e investigação V. 4. Ed. UDESC. Florianópolis, 2013.

GRAÇA, A. Os como e os quando no ensino dos jogos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. O ensino dos jogos desportivos da Universidade do Porto, 2 ed. p. 27-34, 1995.

GRECO, P. J. Organizador. Iniciação esportiva universal 2. Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GRECO, P. J., BENDA, R. N. Organizadores. Iniciação esportiva universal 1. Da aprendizagem motora ao treinamento técnico. 1ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GRECO, P. J., BENDA, R. N., RIBAS, J. Iniciação esportiva universal 1. Da aprendizagem motora ao treinamento técnico. 1ed. Belo Horizonte: UFMG, p.63-66. 1998.

GRECO, P. J., CHAGAS, M. H. Considerações teóricas da tática nos jogos esportivos coletivos. Revista Paulista de Educação Física, v.6,n 2p.42-58, 1992.

HARSHA, D. W. The benefits of physical activity in childhood. In. Am. J. Med. Scienc. 310 v. 1: p109-113, 1995.

KREBS, R. J. Da estimulação à especialização motora. [s.l.]: Kinesis, 1992.

LIMA JR, J. B. Análise comparativa de modelos de ensino do futsal em jovens. Dissertação de mestrado. UNB. 01/07/2010. Brasília, DF.

LOYOLA, M. A. Bourdieu e a sociologia. In: Loyola M.A., organizador. Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola. Rio de Janeiro: EdURJ;2002. p.69.

LOUREIRO, R. A. Formação desportiva do jogador de raguei. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra. 2003.

MAHLO, F. Acto tático no jogo. Compendium, Lisboa, 1970.

MARCHI JR, W. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, R.; LUCENA, M. Esporte – História e Sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002, p.93.

MARCHI JR, W. “Sacando” o Voleibol. São Paulo: Hucitec; Ijuí, RS: Unijuí, 2004.

MATOS M. F.; CRUZ J. F. Desporto Escolar: motivações para a prática e razões para o abandono. Psicologia: Teoria, Investigação e Prática. Centro de Estudos de Educação e Psicologia. Universidade do Minho. v. 2, n. 3, p.459 – 490,1997.

MENONCIN, JR., W. (2003). Estudos dos fatores que levam os jovens ao abandono da prática do basquetebol competitivo em Curitiba. Dissertação de Mestrado em Engenharia e Produção. Programa de Pós Graduação em Engenharia da Produção. Florianópolis.

MORAES, L.C., RABELO, A.S., SALMELA, J.H. Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Futebolistas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), pp.211-222. Belo Horizonte, 2004.

MOREIRA, V. J. P. Aquisição do nível de conhecimento tático conforme os processos metodológicos de ensino-aprendizagem-treinamento: a exemplo do futsal. Dissertação de mestrado. UFMG. 01/02/2005. Belo Horizonte, MG.

MORIN, E. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2001.

MOTA, G. S. Estudos dos motivos que levam os jovens ao abandono da pratica do basquetebol na cidade do Porto. [Dissertação]. Universidade do Porto, Faculdade de Ciência do Desporto e de Educação Física; 2005.

OLIVEIRA, J. (Eds). O ensino dos jogos desportivos coletivos. 3 ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998.

OLIVEIRA, V; PAES, R. R. Pedagogia do esporte. Repensando o treinamento técnico e tático nos jogos desportivos coletivos. In: Paes, R. R., BALBINO, H.F. *Pedagogia do esporte, contextos e perspectivas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, p 63 – 74. 2005.

PAES, R. R. Esporte educacional uma proposta renovada. In: BARBIERI, C. A. et al., BITAR, A. F. et al. (org.) Recife: Universidade de Pernambuco/UPE-ESEF MEE/INDESP, 1996.

PAES, R. R. Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol. Campinas: Unicamp. 1997.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In DE ROSE JR, D. Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem interdisciplinar. Artmed editora. Porto Alegre, 2002.

PAES, R. R. Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 20, supl. 5, p. 171, set. 2006. Disponível em: http://www.usp.br/eef/xipalops2006/48_Anais_p171.pdf

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. Processo de ensino e aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: ROSE JÚNIOR, D.; TRICOLI, V.(Org.). *Basquetebol: uma visão integrada entre ciências e prática*. Barueri: Manole, 2005. p. 15-29.

PAES, R. R.; FERREIRA, H. B.; GALATTI, L. R. Pedagogia do esporte: considerações pedagógicas e metodológicas no processo de ensino aprendizagem do basquetebol. In: Paes, R. R., BALBINO, H.F. *Pedagogia do esporte, contextos e perspectivas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2005 p. 123 – 133.

PAES, R. R. et al. Pedagogia do esporte e iniciação esportiva infantil: as inter-relações entre dirigente, família, e técnico. In: Machado, A. M. (Org.). Especialização Esportiva precoce: Perspectivas atuais da psicologia do esporte. Jundiaí: Fontoura, 2008. P. 49-65.

PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. São Paulo: Forense, 1978.

POOLEY, J. C. Drop-outs form sports: a case study of boys age group soccer. American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance. Boston, Massachusetts: Unpublished paper, april, p.17-37, 1981.

READ, B., E DAVIS, J. D. Ensenanza de los juegos desportivos: cambio de enfoque. Apunts, n22, p.51-56, 1990.

REVERDITO, RS., SCAGLIA, A. J., PAES, R. R. Pedagogia do esporte: Panorama e análise conceitual das principais abordagens. Motriz: Revista de Educação Física, 2009.

REZER, R. A prática pedagógica em escolinha de futebol/futsal: possíveis perspectivas de superação. Dissertação de mestrado. UFSC. 01/02/2003. Florianópolis, SC.

RIBEIRO, L. P. Estudo dos motivos do abandono desportivo precoce em jovens basquetebolistas do sexo masculino. Dissertação de licenciatura. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física Universidade de Coimbra. 2002.

ROBERTSON, I. O treinador e o abandono dos jovens praticantes. Revista Treino Desportivo. v. I, n. 5, p.23-30, 1998.

ROSE Jr, D. Modalidades esportivas coletivas. Guanabara Koogan, 2006. Rio de Janeiro, p.32.

RUBIO, K. Educação Olímpica e Responsabilidade Social. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007.

SAAD, M. A. Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do futsal. Dissertação de mestrado. UFSC. 01/03/2002. Florianópolis, SC.

SANTANA, W. C. A Pedagogia do Esporte e a Moralidade Infantil. Dissertação de mestrado. UNICAMP 01/12/2003. Campinas SP.

SANTANA, W. C. Apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização. 1. Ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

SANTANA, W.C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: Paes, R. R., BALBINO, H.F. *Pedagogia do esporte, contextos e perspectivas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, p 1 – 22. 2005.

SANTANA, W. C. Uma proposta pedagógica para o futsal na infância. Disponível em: http://www.pedagogiadofutsal.com.br/texto_029.htm>. Acesso 09 maio de 2013.

SCAGLIA, A. J. O futebol que se aprende e o futebol que se ensina. Dissertação de mestrado, Unicamp, Campinas, SP. 1999.

SCAGLIA, A. J. O futebol e as brincadeiras de bola com os pés. Phorte editora. 1 Ed. São Paulo, SP. 2011.

SILVEIRA, R; STIGGER, M. P. Um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. Revista brasileira de ciências e esportes. Florianópolis. 2013.

SIMÕES, A.C; BOHME, M.T.S; LUCATO, S. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. Rev. paul. Educ. Fís., 13(1): 34-45, jan./jun. São Paulo, 1999.

TANI, G; CORRÊA, U.C. Esportes coletivos: alguns desafios quando abordados sob uma visão sistêmica. In: DE ROSE, D. J. Modalidades esportivas coletivas. 1Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

TEODORESCU, L. Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos. Lisboa: Livros Horizontes, 1984.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. 1 Ed. São Paulo: Atlas, 1987.

TAVARES, F. O processamento da informação nos jogos desportivos. In Graça, A.; OLIVEIRA, J. (eds.). O ensino dos jogos desportivos. Porto: Centro de estudos dos jogos desportivos da Universidade do Porto, 2 edição, p. 35-46, 1995.

TUAN, Y. Paisagens do medo. São Paulo: Unesp, 2005.

VOSER, R. C. Análise das intervenções pedagógicas em programas de iniciação ao futsal. Dissertação de mestrado. UFGS. 01/06/1998. Santa Maria, RS.

WEINECK, J. Treinamento ideal. São Paulo: Manole, 9 edição, 1999.